



FACULDADE FASUL EDUCACIONAL
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ANDREY VITOR FERNANDES DA SILVA

**A EDUCAÇÃO NO RENASCIMENTO: PROPOSTAS HUMANISTAS DE ERASMO
DE ROTERDÃ E O SUCESSO DE INÁCIO DE LOYOLA PERANTE A IGREJA**

São Lourenço - MG

2023

ANDREY VITOR FERNANDES DA SILVA

A EDUCAÇÃO NO RENASCIMENTO: PROPOSTAS HUMANISTAS DE ERASMO DE
ROTTERDÃ E O SUCESSO DE INÁCIO DE LOYOLA PERANTE A IGREJA.

Trabalho final de Curso apresentado à
Coordenação do Curso como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Bruno Maciel Pereira

São Lourenço - MG

2023

RESUMO

SILVA, Andrey Vitor Fernandes da. “**Educação no Renascimento: propostas humanistas de Erasmo de Roterdã e o sucesso de Inácio de Loyola perante a Igreja**” 2023. Faculdade Sul Mineira-Fasul Educacional. São Lourenço, MG, 2023.

O presente trabalho tem como objetivo responder a seguinte questão: por que a proposta educacional de Erasmo de Roterdã não teve sucesso no século XVI, enquanto a visão de Inácio de Loyola foi adotada pela Igreja Católica? Esta pesquisa tem como sustentação teórico-metodológica a teoria a partir da proposta do humanista holandês que, embora fosse inovadora em alguns pontos, não atendia o objetivo que o catolicismo buscava atingir naquele contexto, pois o período era marcado pelo cisma protestante e a cristandade se viu abalada. Em contrapartida, o padre espanhol era o modelo ideal para a Igreja iniciar seu trabalho de reconquista dos fiéis no campo intelectual, pois Inácio era um exemplo de obediência e disciplina, devido ao fato de ter sido cavaleiro antes de sua conversão. Além da característica militar, o espírito missionário de Santo Inácio de Loyola também está presente no cerne da Companhia de Jesus, ordem fundada por este e que teve destaque no período da Reforma Católica. Sendo assim, a obediência ao Santo Padre e a preocupação com os estudos foram fundamentais para que a Igreja Católica iniciasse através da educação o processo de reconquista das almas perdidas para o protestantismo, além de buscar dar uma formação melhor ao clero para que os fiéis fossem instruídos na fé da melhor maneira possível. O Concílio de Trento reafirmou a Tradição da Igreja e os filhos de Santo Inácio foram um dos principais agentes a levarem as decisões conciliares para outras localidades. A metodologia utilizada foi a collingwoodiana, pois se busca apresentar o contexto e como o pensamento dos dois personagens dialoga com a sociedade de seu tempo.

Palavras-chave: Erasmo de Roterdã. Inácio de Loyola. História da Educação. Renascimento. História da Religião.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de conclusão de curso é o resultado de um tempo de dúvidas, descobrimentos, desconstruções, reconstruções, incertezas, ansiedade, aprendizado, enfim, um tempo paradoxal que me mostrou que sou um eterno aprendiz. Porém, esse caminho não foi percorrido sem ajuda e ao chegar nesse ponto conclusivo de minha jornada acadêmica, alguns agradecimentos são necessários.

Agradeço à minha mãe, Maria Aparecida Fernandes, pelo apoio e paciência comigo nesse período de estudos. Agradeço à meu pai, Antônio Carlos da Silva e meu irmão Alef João Fernandes da Silva por todo apoio dado até aqui.

Agradeço à minha noiva Damiany dos Santos Manoel, por compartilhar tantos momentos comigo e por me incentivar sempre na luta pelos meus sonhos. Junto de mim, abriu mão de momentos de lazer para que eu pudesse me debruçar sobre os livros e confeccionar esse trabalho que agora concluo.

Agradeço ao meu amigo Leonardo, irmão que ganhei no Seminário Diocesano da Campanha. Seu incentivo, palavras e orações contribuíram para que eu chegasse até aqui e me fortaleceram ao longo da jornada. Estendo o meu agradecimento ao padre Rogério Augusto, que, como amigo e diretor espiritual, sempre se mostrou interessado em meu trabalho e compartilhou seus conhecimentos comigo, ajudando-me, assim, a buscar dar o meu melhor. Agradeço meu amigo Luiz Antônio, que sempre me incentivou a lutar pelo meu sonho e me empenhar na evolução no campo acadêmico.

Agradeço aos demais amigos que vibraram por cada conquista que obtive ao longo desse trajeto. Não citarei nomes, pois posso cometer a injustiça de esquecer-me de algum, porém, trago essas pessoas no lado esquerdo do peito e dedico toda minha gratidão pelo incentivo.

Aos professores que me acompanharam e enriqueceram minha jornada: Elvis, Horácio, Tatiana, Cosme, Paulo Márcio, Paulo Santiago, Cezar e Maurício. Estendo meu agradecimento a todos os funcionários da Fasul Educacional, tanto da gestão atual quanto da antiga.

Infelizmente no trajeto da vida tivemos que nos despedir do querido professor Plínio. Ele que acompanhou a turma desde o primeiro período, deixou saudades no coração de cada aluno. Embora não tenha sido meu orientador, não poderia deixar de registrar aqui o meu agradecimento a esse grande mestre, que me incentivou e que se prontificou a me ajudar se fosse necessário, além de me indicar algumas obras para o aprofundamento do tema.. Para quem tem fé, a morte é apenas o retorno para a casa. Plínio, muito obrigado! Você continua

vivo no coração de cada pessoa que conviveu contigo. Não somos imortais, nossa vida nesse mundo tem início e fim, porém, a partir das sementes que plantamos nesta Terra, podemos nos tornar eternos na vida das pessoas que amamos e que compartilharam dessa jornada conosco. Amado mestre Plínio, sua amada filosofia o tornou eterno minha vida.

Aos colegas de caminhada acadêmica, agradeço pela parceria ao longo do curso. Aprendi muito com cada um e a conclusão desse caminho é graças às experiências compartilhadas ao longo das aulas e nas conversas durante o intervalo. Passamos por uma pandemia juntos e o amor pelo saber nos motivou a não desistirmos de nossa escolha.

Agradeço as psicólogas Aneliza e Bruna por todo apoio nesse trajeto. A ajuda de vocês foi fundamental para que eu iniciasse meu trabalho e não desistisse no meio do caminho. Obrigado por me ajudarem na luta contra a ansiedade e a insegurança.

De maneira especial, quero agradecer ao professor e mestre Bruno Maciel Pereira, que ao longo do curso se tornou um grande amigo. Agradeço pelo apoio de sempre, tanto nas aulas, quanto nas conversas até tarde. Agradeço por me apresentar o *Elogio da Loucura* e assim despertar em mim o interesse pelas obras do filósofo humanista Erasmo de Roterdã. Agradeço pela sugestão de somar Santo Inácio de Loyola ao meu trabalho. Assim, nasceu uma devoção e admiração por esse santo que eu só conhecia de nome. Agradeço por ser esse modelo de professor, sempre disposto a ajudar os alunos e preparando cada aula com carinho e dedicação. E por fim, agradeço a honra concedida em ser meu orientador nesse trabalho e por acreditar em mim, quando nem eu acreditava. Desejo que venham outros projetos em que possamos trabalhar juntos.

Dedico esse trabalho às minhas afilhadas Vallentina e Maria Eduarda, que vocês se sintam inspiradas e animadas a sempre buscarem o conhecimento. A educação é o instrumento que pode mudar o mundo, ou pelo menos o mundo de uma pessoa.

Dedico à Virgem Maria, sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe, quem muitas vezes me segurou em seu colo materno e acalentou-me nos momentos em que me sentia uma criança sem rumo.

E por fim, porém o mais importante, agradeço ao Deus uno e trino, o qual acredito, que me deu o dom da vida. Cada pessoa aqui agradecida foi colocada em meu caminho por Ele, para que me ajudassem nesse caminhar pedagógico. Sem seu amor e misericórdia nada disso seria possível. Que tudo seja feito para a maior glória de Deus!

“O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor e mediante isto salvar a própria alma; e as outras coisas sobre a face da Terra são criadas para o homem, e para que o ajudem na prossecução do fim para que é criado.”

(Santo Inácio de Loyola)

ABSTRACT

The objective of this work is to answer the following question: Why did Erasmus' educational proposal in Rotterdam fail in the 16th century, while Ignatius of Loyola's vision was accepted in the Catholic Church?

The theoretical-methodological support of this research is a theory based on the proposal of a Dutch humanist, which, although innovative in some points, did not reach the objective that Catholicism tried to achieve in this context, since the period was characterized by Protestantism schism and Christianity was shaken.

On the other hand, the Spanish priest was an ideal model for the Church to begin its work of winning back the faithful in the intellectual sphere, as Ignatius was a model of obedience and discipline, being a lord from birth.

Conversion In addition to his military quality, the missionary spirit of Saint Ignatius of Loyola is at the heart of the organization he founded and which stood out during the Catholic Reformation, the Society of Jesus.

Therefore, obedience to the Holy Father and care for studies were essential for the Catholic Church to begin the process of winning souls lost to Protestantism through education, in addition to trying to provide a better education for the clergy so that the faithful could receive instruction in the faith as much as possible.

The Council of Trent confirmed the Church's tradition, and the Sons of St. Ignatius were one of the main actors who made reconciliation decisions elsewhere.

The methodology was Collingwoodian because it tries to present a context and how the thoughts of the two characters interact with the society of their time.

Keywords: Erasmus of Rotterdam. Ignatius of Loyola. History of Education. Rebirth. History of Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. CAPÍTULO I: Erasmo de Roterdã: o humanista cristão da Renascença.....	12
1.1. O Renascimento e o Humanismo na Idade Moderna	12
1.1.2. A educação e a criança na Renascença.....	15
1.2. O clérigo crítico do clero: uma breve biografia de Desidério Erasmo.....	18
1.2.1. Educação Liberal: a proposta educacional de Erasmo de Roterdã	19
2. CAPÍTULO II: Inácio de Loyola: O soldado de Cristo no período a Reforma Católica	25
2.1. A Reforma Católica: resposta aos protestantes?	25
2.2. De soldado a santo: breve biografia de Inácio de Loyola.....	28
2.2.1. As instruções das Constituições da Companhia de Jesus	30
3. CAPÍTULO III : O Concílio de Trento e a Companhia de Jesus: a evangelização por meio da educação.....	34
3.1. O Concílio de Trento	34
3.2. O método pedagógico da Companhia de Jesus	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a educação na Idade Moderna a partir da visão de Erasmo de Roterdã e Inácio de Loyola. O interesse pelo tema nasceu com uma indagação: como os antigos pensavam a educação? Seriam tão diferentes da atualidade? Com esse pensamento iniciamos nossa pesquisa através de Erasmo de Roterdã. O humanista trazia em seus escritos um tom humorístico de nosso agrado e esse fator foi fundamental na escolha do autor como uma das principais fontes utilizadas, embora o humor não seja abordado em nosso trabalho.

Com o início da pesquisa, nos deparamos com o contexto da época, algo essencial para entendermos os escritos de Erasmo. Através desse contexto, surgiu outra indagação e esta se torna o problema de nosso trabalho: por que Erasmo de Roterdã não teve sucesso perante a Igreja no século XVI? Haja vista que em seu modelo pedagógico propunha a formação de homens virtuosos e exemplos de cristãos.

A figura de Inácio de Loyola surgiu com a indagação feita. A Igreja Católica passou por uma crise com o cisma protestante e precisou lutar para que sua existência não fosse extinta. A Companhia de Jesus foi um dos principais instrumentos utilizados pela Igreja na Reforma Católica. Porém, estudar a Companhia sem conhecer seu fundador seria um equívoco. Sendo assim, Inácio de Loyola encarnou o homem que o catolicismo precisava naquele momento: disciplinado e obediente à Igreja. A ordem fundada por ele tem seu rosto e seu carisma missionário.

Os humanistas tiveram papel de destaque na área da educação no século XVI. Embora ainda estivessem ligados ao espírito educacional da Idade Média, os mestres humanistas se preocupavam com a formação integral dos alunos: além de procurarem desenvolver o intelecto, havia o objetivo de trabalhar o físico e transformar os alunos em homens morais. Sendo assim, cada aluno era incentivado a buscar o conhecimento por si, evidenciando o individualismo como uma das características do Renascimento. A invenção da imprensa foi fundamental nesse processo (NUNES, 1980).

O estudo da educação no Renascimento, nos leva a conhecer como a criança era vista nesse período. As mudanças educacionais coincidiram com a mudança da forma que a criança era vista até aquele momento. As crianças começaram, lentamente, a serem vistas como indivíduos contraponto a visão de mini-adulto que se tinha até então. Os colégios passaram a separar as turmas por idade e o tempo escolar sofreu alterações. Os castigos físicos eram comuns e os professores inspiravam medo nos alunos, embora a pedagogia humanista incentivasse a participação dos alunos para que o processo formativo fosse frutífero.

Para entender esse contexto, uma das obras utilizada foi “A Civilização do Renascimento” do historiador francês Jean Delumeau (1923-2020). Nessa obra, Delumeau apresentou como vários setores da sociedade foram impactados com o Renascimento. Estendendo a contextualização para o campo religioso, utilizamos a obra do historiador francês Henri Daniel-Rops (1901-1965) “A Igreja da Renascença e da Reforma (I e II)”. Além do contexto em que a Igreja estava inserida no século XVI, Daniel-Rops escreve uma breve biografia de Santo Inácio de Loyola e aponta qual a importância do basco no processo de Reforma da Igreja Católica.

Para conhecermos a biografia de Erasmo de Roterdã, foi utilizada a obra do brasileiro Ivan Lins (1904-1975) “Erasmo, a renascença e o humanismo”. Lins apresenta o contexto que Erasmo nasceu e viveu, e como suas ideias foram recebidas pelos seus contemporâneos. Em outras palavras, o autor brasileiro busca demonstrar com quem o filósofo holandês estava dialogando no século XVI.

Como fontes primárias utilizamos “A importância da Educação Liberal para crianças”, parte de três textos de Erasmo contidos no livro “Educação Liberal”, traduzido por William Bottazzini Rezende. Esse texto é o que direciona o nosso trabalho em relação a ideia Erasmo. Através dele, buscamos compreender as propostas do humanista e como elas dialogavam com as ideias educacionais de seu tempo. O texto de Erasmo trouxe uma proposta inovadora: a educação das crianças em tenra idade, ou seja, no início da infância.

Em relação a Santo Inácio de Loyola, a fonte primária utilizada foi “As Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares”. Nesses escritos, Loyola registrou o caminho que os membros da Companhia deviam seguir. Na quarta parte, o santo se dedicou a escrever sobre a formação que um membro jesuíta deveria ter. Além de exortar as qualidades que um candidato deveria possuir para ingressar na Companhia, Inácio apresenta o caminho formativo que devia ser seguido e como o jovem devia ser avaliado. Em seus “Exercícios Espirituais”, Inácio registrou que “o homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor e mediante isto salvar a própria alma” (LOILA, 1968, P.51). É com essa perspectiva que o santo escreve as “Constituições”: tudo que um membro da Companhia de Jesus devia fazer tinha como finalidade a glória de Deus.

Com as obras citadas acima e com as outras que se encontram listadas nas referências bibliográficas buscamos o objetivo de compreender a visão educacional de dois pensadores que fizeram parte do pensamento renascentista: um humanista e um religioso. Procuramos comparar a ideia de um com o outro e encontrar semelhanças e diferenças. Analisando o pensamento de cada um, pretendemos entender o motivo de somente a visão de Inácio ter

sucesso no mundo católico do século XVI, sendo que Erasmo possuía ideias interessantes e também buscava a formação de homens virtuosos. O fato das obras do filósofo terem sido censuradas pelo Index pesa bastante no fato de sua visão educacional não ter se espalhado após o Concílio de Trento. Porém, não devemos restringir o sucesso de Inácio à censura de Erasmo, pois outros fatores favoreceram o santo. Em suma, Inácio de Loyola era um dos homens que a Igreja Católica precisava naquele momento.

A justificativa da escolha do tema é que a educação sempre está em pauta nas discussões da sociedade. A insatisfação com alguns pontos educacionais da atualidade nos fez recorrer ao passado e buscar alguns pontos que possam ser utilizados nos dias de hoje. Porém, essa trajetória trouxe nova indagação e o foco foi direcionado para o papel da educação no campo religioso, especificamente no meio católico. É interessante notar que a educação acabou se tornando uma arma que a Igreja Católica se utilizou para reconquistar seus fiéis; algo, que até então, não era pensado na sociedade moderna. Sendo assim, a presente pesquisa pode contribuir na reflexão sobre a importância da educação na sociedade e de como ela pode ser utilizada para a formação de pessoas melhores para sociedade. O intuito não é promover uma nova educação religiosa, mas utilizar pontos positivos do modelo moderno, tanto por parte de Erasmo quanto de Inácio, para que o modelo educacional atual possa realmente formar seres pensantes e virtuosos.

Para realizar este estudo a metodologia adotada foi a collingwoodiana, ou seja, analisaremos o contexto intelectual em que Erasmo e Inácio se encontram e como o pensamento de cada um dialoga com o tempo vivido. Collingwood apontava semelhanças entre sua metodologia e um romancista:

“(...) no momento da narração dos eventos, da descrição de situações e da análise de personagens, além de sustentar a importância da imaginação livre, utilizada pelo artista, como uma das formas assumidas pela imaginação a priori. A divergência entre estes dois tipos de narração, porém, existe na medida em que o quadro que o historiador constrói objetiva a veracidade, associada, a uma descrição que, ao mesmo tempo: 1. esteja situada temporal e espacialmente; 2. mantenha uma coerência interna e com o mundo histórico que está descrevendo; 3. estabeleça uma relação com as ‘provas’”¹.

¹ ARRAIS, Cristiano Alencar. **Imaginação histórica e pensamento mediado na obra de R. G. Collingwood**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

O trabalho está estruturado em três capítulos, no primeiro, intitulado “Erasmus de Roterdã: o humanista cristão da Renascença”, o Renascimento e o Humanismo serão abordados como parte do contexto histórico que Erasmo estava inserido. Primeiramente, abordaremos como tais movimentos impactaram o mundo moderno e quais mudanças provocaram na sociedade. Em seguida, apresentaremos uma breve biografia de Erasmo e sua proposta educacional.

No segundo capítulo intitulado “Inácio de Loyola: o soldado de Cristo no período da Reforma Católica” procuraremos analisar parte do conflito que a Igreja Católica se viu envolvida no século XVI. Portanto, o primeiro ponto a ser discutido é se a Reforma Católica foi apenas uma resposta aos protestantes. Apresentando alguns fatos que demonstram que a Igreja já recebia pedidos de mudanças, esta parte do trabalho tem como intuito introduzir a figura de Santo Inácio. Após a biografia de Inácio, analisaremos as “Constituições” da Companhia de Jesus, em especial a quarta parte que é dedicada à formação de um jesuíta.

Já no terceiro capítulo “O Concílio de Trento e a Companhia de Jesus: a evangelização por meio da educação” analisaremos como os jesuítas se tornaram fundamentais para a disseminação das decisões do Concílio tridentino. Na primeira parte iremos apresentar o Concílio de Trento e como se deu o seu desenrolar. Embora não tenhamos a pretensão de esgotar o assunto, haja vista sua complexidade devido a sua longa duração, o apresentação do Concílio se faz necessária para clareza da resposta que a Companhia de Jesus deu à Igreja naquele momento. Em seguida, apresentaremos o “Ratio Studiorum”, o Plano Pedagógico da Companhia de Jesus, e poderemos analisar o modelo educacional que será utilizado pela Igreja Católica após o Concílio de Trento.

1- ERASMO DE ROTERDÃ: O HUMANISTA CRISTÃO DA RENASCENÇA

Este capítulo apresenta o contexto em que o filósofo holandês Erasmo de Roterdã nasceu e viveu. Embora tenha surgido anteriormente, o Renascimento viu seu ápice no século XVI. Além do retorno aos clássicos grego e romano, o movimento renascentista visava uma desvinculação do sistema religioso que perdurava desde a Idade Média. Embora fosse anterior ao Renascimento, o Humanismo do movimento renascentista; podemos chamar de “*Humanismo Renascentista*”, pois além do retorno aos escritos clássicos, algo já característico do humanismo, nesse período o pensamento do homem passa a ser valorizado e este passa a ser autor, e não apenas um tradutor de obras da Antiguidade. Porém, a ruptura com o passado não foi imediata e ao longo do século XVI encontra-se características medievais, pois esta, de fato, nunca perdeu o contato com a Antiguidade.

Segundo Jean Delumeau, a criança era vista como um pequeno adulto. Porém, nesse período houve uma mudança, embora lenta e pequena, mas que não deixa de ser significativa. Os pequenos começaram a ser retratados em quadros de família e as pinturas do Menino Jesus aumentaram. Dessa forma, a criança começou a ser vista como indivíduo e houve um olhar atencioso em relação à escola.

O método de ensino manteve-se semelhante ao da Idade Média. Porém, a visão humanista penetrou nas escolas e houve pequenas mudanças, como a inserção do grego nas matérias estudadas. A instrução estava ligada ao campo moral: a preocupação era formar homens virtuosos para a sociedade. As turmas passaram a ser separadas por idade e o tempo escolar foi encurtado. Sendo assim, o aluno ingressava nos estudos com cerca de sete anos.

Nesse contexto nasceu o humanista holandês Desidério Erasmo. Ele aconselhava o ensino em tenra idade. Como os demais humanistas de seu tempo, o filósofo holandês trazia uma preocupação moral para a educação das crianças. Assim sendo, apresentava argumentos para que as virtudes sejam colocadas no espírito dos pequeninos o mais cedo possível. Erasmo também abordava a importância dos pais acompanharem a educação dos filhos e aconselhava a escolha de um preceptor apto para tal missão.

1.1 O Renascimento e o Humanismo na Idade Moderna

A definição mais comum que se dá ao Renascimento é o movimento virado ao passado, querendo regressar às origens do pensamento e da beleza. Petrarca (1304-1374), geralmente, é visto como o precursor do pensamento renascentista, principalmente por sua paixão pela antiguidade romana. Ele qualificava como “Antigo” o período que antecedia a conversão do imperador Constantino e o período posterior, o qual o seu tempo pertencia,

chamava de “Moderno”. Mas Petrarca via a sua modernidade como um tempo marcado pela barbárie e pelas trevas e nutria uma admiração muito grande pelo passado. Por isso, muitas vezes ele é considerado o iniciador da revolução intelectual que ocorreu no Renascimento e influenciou a forma de pensar dos humanistas (DELUMEAU, 2020). Segundo Rodrigues e Falcom (2006), podemos chamar de “*Humanismo Renascentista*” o resultado da influência do Renascimento sobre o Humanismo. Esse “novo” humanismo não era um sistema filosófico ou uma tendência, mas, sim, um novo programa cultural e educativo. Além do mais, o homem passou a ter destaque nos escritos dos humanistas.

No século XV, o humanismo atingiu outras localidades fora da Itália e trazia, mais do que nunca, a ideia do retorno aos clássicos para que o homem se tornasse civilizado. Assim sendo, no século seguinte, Erasmo foi considerado um dos principais humanistas, pois foi o responsável pelo resgate das boas letras. Porém, outras personalidades gozaram de igual admiração em seus países pelo mesmo motivo: retorno aos escritos antigos. Os humanistas e os artistas renascentistas viam sua época como *idade de ouro*, devido esse resgate do passado, sendo assim, o termo Renascimento é, para o historiador, o testemunho que uma época tinha sobre si. (DELUMEAU, 2020)

Jean Delumeau (2020), porém, apresenta fatos que comprovam que a Idade Média nunca perdeu o contato com a Antiguidade. Embora possa ter alguns pontos distorcidos, o homem medieval podia perceber a beleza antiga nas construções de algumas igrejas. Nas escolas clericais, as obras de Virgílio, Ovídio, Lucano Salústio e outros pensadores antigos eram comentadas e estudadas pelos alunos; obras como “*Troia*” e “*Eneias*” foram sucesso na época medieval. Em sua “*Divina Comédia*” Dante (1265-1321) teve como guia Virgílio e uma das maiores obras intelectuais da Idade Média, a “*Suma Teológica*” de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), procurava conciliar o pensamento filosófico de Aristóteles com a mensagem de Jesus Cristo. Para seus estudos, os humanistas recorriam às coletâneas medievais sobre a antiguidade.

Embora esse contato com a antiguidade nunca tenha se perdido, as obras que eram lidas pelas pessoas daquele período tinham influência de seu tempo. Algumas obras eram moralizadas e algumas traduções dos romances gregos transformavam os heróis em cavaleiros e as deusas eram retratadas como damas de alguma corte (DELUMEAU, 2020). Os humanistas foram os primeiros a buscarem conhecer a Antiguidade de maneira autêntica. Segundo Rodrigues e Falcom (2006), a descoberta da filologia foi um fator importante, porém, não se pode negar que isso só foi possível porque na Idade Média houve a preocupação com o estudo das obras clássicas. Mas isso não quer dizer que havia um acesso a todos os textos dos autores

clássicos: os humanistas do Renascimento descobriram e publicaram textos que até então eram desconhecidos.

Nesse movimento, os humanistas renascentistas descobrem desde novos autores latinos, como Lucrécio e Tácito, até textos novos de autores já conhecidos, como Virgílio, Ovídio, Sêneca e Boécio. Entretanto, o dado mais interessante foi a descoberta de que os autores e copistas medievais, acostumados ao sistema da escolástica, acabavam por inserir nessas traduções seus comentários ou, pior do que isso, faziam correções que consideravam procedentes por motivos religiosos ou por anacronismo, chegando, inclusive, a retirar parte dos textos. (RODRIGUES E FALCOM, 2006, P. 76).

Há nesse período o crescimento do interesse pelo grego: a biblioteca do Vaticano tinha três obras redigidas em grego em 1447; em 1455, esse número subiu para 355. Santo Tomás, que alguns séculos antes tentou conciliar Jesus e Aristóteles, não tinha conhecimento do grego. Esse fato foi criticado no século XVI e os intelectuais do Renascimento passaram a estudar os textos aristotélicos em seu escrito original. Segundo Delumeau, os humanistas foram responsáveis pela redescoberta de Platão, pois na Idade Média ele era apenas um nome e graças a esse interesse dos humanistas em conhecerem a língua grega, os *Diálogos de Platão* se tornaram conhecidos no mundo europeu renascentista. O estudo do grego teve maior destaque em relação ao latim; em Florença, foi fixado um dia da semana para conversarem em grego com o filósofo Marsílio Ficino (DANIEL-ROPS, 1996).

Além dos estudos do grego e latim, fiéis à suas raízes religiosas medievais, os humanistas também se empenharam em estudar o hebraico para que a Sagrada Escritura fosse estudada da melhor maneira possível. A biblioteca do Vaticano se tornou a mais rica desse tempo, pois possuía obras em latim, grego e hebraico. No século XVI foram criadas escolas trilíngues e alcançaram sucesso na Europa. Com o estudo do hebraico surgiu um dos principais monumentos do Renascimento, segundo Delumeau: a *Bíblia Poliglota de Alcalá* que foi composta a pedido do cardeal Cisneros.

Porém sua concepção era medieval. No Antigo Testamento, as diferentes versões estavam dispostas em colunas paralelas: ao centro, a Vulgata, nos lados o texto hebraico o texto grego dos Setenta. Cisneros notava que adotara esta disposição para lembrar a posição ocupada pela Igreja romana entre a Sinagoga e a Igreja grega; posição análoga à de Cristo na cruz entre os dois ladrões! (DELUMEAU, 2020, P.85)

Porém, esse esforço dos humanistas rapidamente provocou uma atitude revolucionária. Algumas traduções corrigiram o latim da Vulgata, tradução oficial da Igreja Católica. Podemos citar o *Novum Testamentum* de Erasmo. Sendo assim, os reformadores protestantes que

surgiram posteriormente viam nesse renascimento das letras clássicas e da religião como movimentos solidários e conjuntos. (DELUMEAU, 2020)

O sucesso alcançado pelos humanistas contou com a ajuda da imprensa para imprimir em quantidade maior seus escritos e tivessem maior alcance. Mas esse sucesso só foi possível porque o público estava preparado para receber tais obras. Como já citado, a Idade Média não perdeu o contato total com a Antiguidade e além do mais, escolas “secundárias” foram criadas para o estudo da gramática latina: as crianças aprendiam os trechos principais da Vulgata e enxertos das obras de Virgílio, Cícero e Ovídio. As universidades criadas na Idade média cresceram ao longo desse período. Em suma “*o Humanismo apenas teve sucesso porque já tinha o terreno preparado*” (DELUMEAU, 2020).

1.1.2 A educação e a criança na Renascença

O reconhecimento da criança como indivíduo se deu de maneira lenta no ocidente. No século XIII, a criança era representada nas obras de artes como um pequeno adulto, pois a primeira idade não era vista como importante. Com o passar do tempo, a criança ganhou espaço nas representações artísticas e o melhor exemplo disso foi o aumento de pinturas de Jesus em sua tenra idade. Porém, “*a criança fez uma entrada discreta na civilização moderna*” e aos poucos suas representações foram se desligando das obras religiosas, mas ainda havia forças que as prendiam no mundo dos adultos. Somente no século XVII é que as crianças das classes altas passaram a usar roupas diferentes das dos adultos. As crianças pobres permaneceram sem rostos por muito tempo, apenas as ricas eram representadas, seja nos vitrais doados pelas famílias abastadas para as catedrais ou nos retratos de família (DELUMEAU, 2020).

No século XVI, começou uma sensibilização a respeito das crianças mortas. Até esse período, a morte de crianças era tratada com indiferença. Segundo Delumeau, os pais passaram a deixar registrados nas pinturas os rostos de seus filhinhos que partiram prematuramente. O historiador francês cita o humanista polaco Kochanowski que dedicou sua obra *Dezenove Trenos* à sua filha Úrsula de quatro anos que havia falecido. Segundo Delumeau (2020) “*O Renascimento ensinou-nos -ou reensinou-nos - a chorar as crianças mortas*”.

O reconhecimento da criança como indivíduo provocou a atenção à escola: “*a instrução só tem valor se educar; ela deve formar homens e cristãos*”. Embora haja diferenças entre o estudante medieval e renascentista, não houve uma ruptura brusca com a Idade Média em relação à educação. Os métodos de ensino se mantiveram o mesmo: o *Trivium* (gramática, retórica e dialética) e *Quadrivium* (geometria, aritmética, astronomia e música). Com o passar do tempo, a “dialética” deu lugar à “lógica”, mostrando a influência do pensamento do filósofo

grego Aristóteles. Como já citado, os estudos dos textos originais que os humanistas empreenderam resultou na inserção do grego no ensino. Delumeau observa que isso acabou aumentando o fosso entre o cotidiano e a cultura, pois, sem querer, os humanistas ao rejeitarem o latim do passado, ajudaram a transformá-lo em uma língua morta. Os colégios derivavam das faculdades de artes, isso explica o fato do método medieval estar presente e o humanismo conseguir penetrar nessas instituições (DELUMEAU, 2020).

As faculdades de Teologia eram hostis ao humanismo. Embora haja alguns fatos que liguem os humanistas com essas faculdades, como, por exemplo, o doutorado de Erasmo em Teologia, em geral, elas viam no humanismo uma ameaça à ortodoxia. Mas as faculdades de artes se abriram para a corrente humanista:

Na época de Leão X (1515-1521), a Sapiência de Roma era uma universidade importante e de grande renome. Contava com oitenta e oito professores e possuía, nomeadamente, uma cátedra de História, disciplina propriamente humanista. (DELUMEAU, 2020, P. 338).

Os mestres do Humanismo, diferentemente dos da Idade Média, não estavam presos à universidade; se tornaram independentes em seu modo de ensinar, ou seja, as carreiras deles não foram construídas dentro do campo universitário. Erasmo, por exemplo, que era considerado um célebre humanista, embora tenha lecionado por um tempo na Inglaterra, sua carreira foi de um letrado independente. Com essa independência, surgiram as academias renascentistas, espécie de sociedade literária em que um grupo de amigos com interesses intelectuais comuns se reunia. Essas academias alcançaram sucesso no século XVII e XVIII e, segundo Delumeau, contribuíram mais para o avanço do saber do que as universidades (DELUMEAU, 2020).

No século XV começou a gradação das matérias e a separação dos alunos por lições. Até então, era comum em uma sala ter vários estudantes das mais variadas idades e isso não era algo chocante, pois, como já mencionado, a criança estava inserida no mundo dos adultos. Com essa mudança, a mistura de idade desapareceu e o tempo escolar foi encurtado. Era normal o ingresso nos colégios com sete anos de idade e a saída com quinze ou dezesseis anos. Os livros impressos ajudaram a melhorar o ensino e os estudantes se concentravam mais. Outra inovação foi a organização do tempo das aulas. Em contraponto, os mestres que antes organizavam suas aulas onde e como queriam, passaram a ser submetidos a um reitor e isso provocou o fim da sua independência. Enquanto os professores medievais tinham apenas a preocupação de transmitir os ensinamentos aos alunos de maneira funcional, os docentes renascentistas tinham a preocupação de formar os estudantes moralmente também:

Os pedagogos dos novos tempos achavam que a disciplina era o único meio de isolar as crianças de um mundo corrompido e de inculcá-lhes hábitos virtuosos. Ao mesmo tempo, percebeu-se que a tarefa dos mestres não era apenas instruir, mas educar. Tinham almas a seu cargo; eram responsáveis pela conduta moral dos futuros adultos. (DELUMEAU, 2020, P.346)

Os alunos eram submissos aos seus professores e estes tinham a preocupação com a moralidade de seus discentes. Sendo assim, os mestres não hesitavam em castigar aqueles que não seguissem as regras: “*o chicote tornou-se a insígnia do regente*”. O castigo era para todos e confundiam-se crianças e adolescentes: um jovem de dezesseis anos era tratado como um menino de oito anos. Embora tenha exageros, isso se torna compreensível, pois o Renascimento queria isolar a infância do mundo sem virtudes dos adultos. A contrapartida positiva desses exageros é que a sociedade ocidental se moralizou e se educou graças às disciplinas desses colégios (DELUMEAU, 2020).

Muitos humanistas aconselhavam que as famílias dessem um preceptor às crianças, pois desconfiavam dos mestres-escolas e sabiam que os pais não tinham tempo para serem professores de seus filhos. Porém, não se deve achar que os preceptores ocupavam o lugar dos colégios. Em alguns casos, eles eram contratados para vigiar e proteger as crianças das famílias abastadas (DELUMEAU, 2020).

Delumeau (2020) aponta a aristocratização do ensino renascentista. Na Idade Média, a instrução era dirigida a todas as classes sociais, pois se tinha a preocupação de formar clérigos para a Igreja. No Renascimento, os humanistas abordavam o tema do ensino voltado às famílias ricas. Porém, seria engano pensar que na Idade Média o número de pessoas cultas era maior. No Renascimento houve uma escolarização quase maciça das classes altas e quase toda criança da nobreza e da burguesia estavam na escola, pois os pais viam na educação um modo de uma carreira de sucesso para os filhos. Os jesuítas foram grandes difusores do ensino humanista e embora os seus colégios fossem gratuitos, a maioria de seus alunos provinha das famílias abastadas, pois dificilmente os pais pobres conseguiriam alugar uma casa para que seus filhos pudessem seguir o ritmo de um colégio. As crianças de famílias modestas ingressavam em oficinas para aprender um ofício e pudessem seguir profissionalmente por esse caminho. Em algumas oficinas, elas aprendiam a escrita e o cálculo.

A instrução estava ligada ao campo moral e por isso havia a preocupação em preparar os alunos para a vida em sociedade: “*o bem falar implica o bem pensar*”. Sendo assim, surgiram no século XVI manuais de boas maneiras, apontando os comportamentos ideais que as crianças deveriam seguir. A maioria era voltado às da alta classe, mas alguns, como *A Civilidade Pueril* de Erasmo podia ser também aplicado para as crianças pobres, pois trazia

conselhos como não bocejar na frente dos outros, não assoar o nariz com o guardanapo que estiver na mesa e não fazer suas necessidades em público, ou seja, conselhos para se viver em sociedade. Além da preocupação com a instrução intelectual, os humanistas do Renascimento recomendavam os exercícios físicos para também fortalecer o corpo e davam importância à música e ao desenho (DELUMEAU, 2020).

1.2 O clérigo crítico do clero: uma breve biografia de Desidério Erasmo

Erasmo de Roterdã é um famoso humanista cristão que trouxe em suas obras questões pertinentes em relação à Igreja e sociedade de seu tempo. Em sua obra mais conhecida *“Elogio da Loucura”* o filósofo fez críticas ao comportamento moral do clero e de outras figuras sociais de seu tempo. Embora seus escritos possam ter influências na Reforma Protestante, Erasmo não aderiu o movimento cismático e rebateu Lutero em algumas questões teológicas (LINS, 1967).

Filho bastardo de um sacerdote, Desidério Erasmo nasceu em Roterdã, na Holanda, no dia 28 de outubro de 1466. Pouco se sabe da infância de Erasmo, mas segundo os escritos do próprio, foi um período triste. Ficou órfão de pai e mãe aos treze anos. No ano de 1487 ingressou no noviciado no convento agostiniano de Steyn, pois possuía a melhor biblioteca clássica de todo país. Embora os anos de formação clerical tenham sido espinhosos, foram também frutuosos, aproximando Erasmo das letras clássicas e despertando o interesse e o amor pela Antiguidade (LINS, 1967).

Segundo Lins (1967), Erasmo e Inácio estudaram no mesmo local: o Colégio Montaigu, em Paris. Porém, o filósofo chamava-o de “colégio vinagre” e trazia péssimas recordações do local. A disciplina era rígida e havia castigos corporais nas faltas menores. A dieta oferecida era apenas peixes, prato que Erasmo detestava, e os internos eram obrigados a fazerem jejuns constantemente. Mas Inácio não teve a mesma opinião que o humanista:

Nesse mesmo Colégio estudou, alguns anos mais tarde, Inácio de Loiola, e, o traço curioso, que bem caracteriza a diversidade de duas naturezas, ambas eminentes: o fundador da Companhia de Jesus aí se sentiu perfeitamente bem (...) (LINS, 1967, p.149)

Além da obra já citada, Erasmo escreveu outras com a mesma importância e que tiveram muito destaque no passado. Uma delas é a *“A importância da educação liberal para as crianças”*, em que o filósofo apresenta os motivos para que a educação seja iniciada em tenra idade. Em vida, o humanista era famoso e admirado por pessoas como Lutero e São Tomás Morus, este último se tornou um grande amigo do filósofo e foi homenageado em *“Elogio da Loucura”* na dedicatória da obra: *“Não só acolherás (...) este modesto exercício retórico, em recordação de seu amigo, mas também o tomará sob tua proteção; dedicado a ti, já teu, não*

meu” (ERASMO, P.10). O filósofo humanista fez muito sucesso na península ibérica e foi lido por personalidades católicas como o espanhol São João da Cruz. Inácio também leu Erasmo quando começou seus estudos, porém não gostou da leitura e preferiu ler a obra de Tomás de Kempis (DAURIGNAC, 2022).

Cerca de 50 anos após a publicação de *“Elogio”*, as obras de Erasmo entraram para o INDEX, sendo proibidas pela Igreja por entenderem que havia pontos considerados heréticos em seus escritos (LINS, 1967). Segundo Skinner (1996), dois fatores da filosofia erasmiana foram responsáveis pela condenação da obra do humanista: primeiro a exigência que Erasmo fazia para uma nova tradução da Sagrada Escritura e que fosse colocada à disposição de todos; e segundo, a metodologia educacional de Erasmo se aproximava do luteranismo, pois propunha uma educação religiosa para todos os fiéis e para o clero. Porém, segundo Luiz Feracine (2011), a diferença entre Erasmo de Lutero é que o filósofo acreditava no potencial humano para a compreensão de Deus, enquanto o religioso via o homem como um mero pecador e somente a fé poderia salvá-lo.

Johan P. Dolan (2004) aponta que apesar de suas críticas aos filhos da Igreja de seu tempo, Erasmo morreu como um bom católico, recebendo os Sacramentos da Igreja em seu leito de morte. Porém essa visão não é compartilhada por Ivan Lins (1967) ; o autor brasileiro apenas registra que morreu “sem se confessar, nem comungar (...) apenas na presença de dois amigos.” (LINS, 1967, p.221). Jorge Ledo (2015) em *Erasmus: o humanismo na encruzilhada*, escreve que o humanista reflete sobre a morte em seus últimos anos de vida; em *“Livro sobre a Preparação sobre a morte”*, Erasmo deixou de lado qualquer referência pagã e como preparação propunha a leitura da Bíblia e o recebimento dos sacramentos antes que a lucidez fosse perdida. Ainda segundo Ledo, Erasmo morreu sem receber a assistência da Igreja Católica, pois a cidade da Basileia, sua última morada, tinha se convertido ao protestantismo. Portanto, o único ponto que esses autores concordam é a data do falecimento de Erasmo: 12 de julho de 1536.

1.2.1 Educação Liberal: a proposta educacional de Erasmo de Roterdã

Erasmo, como os humanistas de seu tempo, realçava as virtudes morais da instrução: a criança devia conhecer a Sagrada Escritura, a sabedoria dos antigos e, através da união desses dois itens, conhecer seus deveres e a pureza de coração. O mestre deveria ensinar o latim pela conversação e por métodos diretos e, sobretudo, retirar lições de moral dos textos estudados. O humanista também ressaltava a importância do estudo do grego para a compreensão da Palavra de Deus, da própria literatura latina e os temas científicos (DELUMEAU, 2020).

Em 1509, Erasmo escreveu “*Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*” (*A precoce e liberal educação das crianças*)², porém este texto só foi publicado em 1529. A obra é dedicada ao Príncipe Guilherme, Duque de Julich-Cleves-Berg e o humanista aproveitou para exaltar a figura de seu amigo Konrad Heresbach, que era preceptor do jovem príncipe naquele tempo e através de correspondências apresentava a índole do jovem duque e cobrava do filósofo holandês uma obra literária como incentivo aos outros nobres a seguirem o exemplo do amor que Guilherme tinha pela educação (ERASMO, 2020). Segundo Toledo (2004), o termo “liberal” na obra erasmiana é uma oposição a Escolástica e tinha ligação com a ideia de “educação pública” no sentido de aprendizagem coletiva. Rezende, porém, chama atenção para que não se confunda o termo com o sistema econômico e sim como “voltado para o aperfeiçoamento da inteligência e do senso estético e moral”³.

O diferencial de Erasmo nesse tempo era o incentivo do estudo desde a mais tenra idade, pois em comparação com os mais velhos, a criança tem maior facilidade em memorizar: “*O que vimos quando éramos crianças está tão arraigado em nosso espírito como se tivéssemos visto ontem*” (ERASMO, 2020, P.60). O velho, porém, não tem a mesma memória e acha novidade repetir o que leu a dois dias (ERASMO, 2020). Além da memória, as crianças possuem a facilidade da imitação; assim sendo, as virtudes devem ser apresentadas a elas para que aprendam as coisas boas para a sua formação humana, pois, segundo o humanista, “*a imitação se encontra um pouco mais propensa para a perversidade do que para a virtude*”. (ERASMO, 2020, P.41)

(...) a natureza acrescentou à infância, como eu dizia a pouco, um desejo peculiar de imitar, justamente para que as crianças anseiem imitar tudo o que virem ou ouvirem e se alegrem se tiverem a impressão de tê-lo conseguido. (...) E daí surge a primeira conjectura das disposições naturais para o aprendizado. (ERASMO, 2020, P.57)

Desde cedo o ser humano está apto para o aprendizado e por isso deve ser inserido nesse processo ainda em tenra idade. Por isso os pais não devem ser negligentes com a educação dos filhos e Erasmo os aconselhava a não poupar esforços e dinheiro para que o rebento seja iniciado nas belas letras: “*Ama pouco o filho aquele a quem é fastidioso educa-*

² A tradução literal é “*Sobre as crianças que devem ser educadas o quanto antes e de forma liberal*”, segundo William Bottazini Rezende, organizador dos textos presentes em “*A Educação Liberal*”, obra que utilizaremos para o presente trabalho. A tradução citada no parágrafo se encontra no texto do doutor Carlos de Alencar Arnaut de Toledo.

³ Rezende coloca essa observação como nota de rodapé no início de seu livro. Acharmos importante esclarecer qualquer dúvida que possa provocar o termo “*liberal*”, haja vista que está ligado fortemente com a mentalidade econômica da contemporaneidade.

lo”. (ERASMO, 2020, P.63). Segundo o humanista de Roterdã, ser pai é muito mais que gerar um filho; deve-se preocupar com a formação do espírito através da educação: é isso que sobrepõe o homem aos animais e o aproxima da divindade. (ERASMO, 2020)

O cuidado com a saúde começa ainda na gravidez. Uma gestante não come determinados tipos de alimentos e não realiza movimentos que possam trazer algum problema para a criança em seu ventre. Esse mesmo cuidado se estende nos primeiros anos do filho, para que possa ter uma vida melhor e uma velhice saudável. Para Erasmo esse cuidado não é errado, porém, o filósofo chamava a atenção para a preocupação com o corpo mortal e o desprezo pelo cuidado do espírito imortal. Erasmo reflete sobre os cuidados que se tinha em adestrar os animais e cultivar as plantas desde cedo: por que deixar para mais tarde a educação do próprio filho? Os animais agem por instinto, não aprendem nada na natureza. Já o ser humano nasce frágil e precisa aprender a comer, falar, andar e etc. Mas, se para que cachorro seja um bom animal de caça o seu dono procura treiná-lo e domesticá-lo, da mesma forma para que o homem seja um ser útil, deve ser moldado pela educação desde criança. A educação supera a natureza!(ERASMO, 2020)

Erasmo reflete sobre a importância em preparar o filho para que seja uma pessoa virtuosa: não basta colocá-lo no caminho eclesiástico, por exemplo, para que se torne um bispo, mas antes deve ensiná-lo as virtudes que o torne um bom bispo. Não basta apenas procurar um alto cargo, mas é preciso estar bem treinado para que possa exercer com maestria sua função. O homem não deve ser guiado por suas paixões, isso o tornaria pior que um animal selvagem. O humanista ressalta que a criança se encontra dócil para as coisas humanas desde o seu nascimento e por isso os pais devem desde esse período se preocupar em moldá-las no caminho virtuoso, pois um filho mal-educado é sinal de vergonha e desgraça para os seus genitores, porque os filhos, segundo Erasmo, não são gerados para os próprios pais e sim para o Estado e para Deus. Sendo assim, aqueles que não se preocupam com a educação de seus filhos são maus pais.

“(...) o filho sábio não é só um deleite para seu pai, mas é também ornamento, socorro e, por fim, vida para seu pai. Por outro lado, o filho tolo e perverso não traz somente tristeza para os pais, mas também vergonha, pobreza e velhice prematura; por fim, atrai a morte para aqueles quais obteve o início de sua vida.” (ERASMO, 2020, P.37-38)

Da mesma forma em que se preocupavam em escolher uma boa ama-de-leite, os pais deveriam se preocupar em escolher um bom preceptor para seus filhos, para que o corpo seja nutrido com bom leite e o espírito com boas disciplinas. Erasmo criticava aqueles que se

preocupavam com quem deixavam seus cavalos, pagando um bom salário ao servo responsável por tal serviço, mas em relação à educação de seu filho, escolhem o pior para poder economizar: *“eu negaria o título de pai a quem, quando se trata da educação do filho, calculasse os gastos com excesso de atenção”* (ERASMO, 2020, P.96). Além de defender um bom pagamento para o preceptor, o filósofo aponta também que deve ser escolhido alguém capacitado para o cargo e não apenas ir por indicações de amigos, pois, da mesma forma que ao escolher um veterinário para tratar de um equino doente ou um comandante para a embarcação, se levava em conta se o profissional estava apto ou não, era importante que não fosse ignorado a aptidão daqueles que seriam responsáveis pela formação intelectual da criança. Porém, é de suma importância que os pais acompanhem de perto a formação de seus filhos. Segundo Erasmo, na Antiguidade a criança era educada pelos familiares, pois acreditavam que a glória da família estava em ter o maior número de pessoas distintas pela educação liberal, enquanto na aristocracia de seu tempo, os nobres se preocupavam com pinturas, esculturas, bailes e jogos. Erasmo observava que algumas famílias investiam dinheiro para que seus escravos fossem letrados para que pudessem ensinar seus filhos, porém, o filósofo critica essa postura e aconselha que fosse mais prudente que os pais aprendessem as letras e ensinassem os filhos. Aos genitores que alegavam falta de tempo, o humanista refletia sobre o tempo que se gasta em coisas banais e reforça que o estudo dos filhos deveria ser prioridade para os pais. Como exemplo, Erasmo cita seu amigo Thomas More que, mesmo muito ocupado com os assuntos reais, desempenhou o papel de professor para sua esposa e seus filhos, começando pela piedade e depois para as literaturas grega e latina. (ERASMO, 2020)

Citando o poeta grego Homero, o filósofo holandês aconselhava que a escolha do preceptor devesse ser feita apenas uma vez, pois, além da troca frequente de professor ser inútil, atrapalha o progresso formativo. Para Erasmo, o homem nasce apto para aprender quase toda disciplina, contanto que se dedique e pratique exercícios. Por isso, é importante identificar qual a inclinação do aluno, pois, encontrando a disciplina que ele mais se identifica, o trabalho formativo será mais fácil e proveitoso. (ERASMO, 2020)

A idade da criança deve ser levada em consideração no processo formativo. Erasmo reconhecia que uma criança pequena não estava apta para receber lições avançadas, mas isso não impedia que através de exercícios ela fosse sendo preparada para ler as grandes obras futuramente. O humanista faz a comparação com um bezerro que começa a levar pesos leves para que quando se torne um boi possa carregar o arado com facilidade. Da mesma forma que os comportamentos, que são ensinados no começo da vida, diante do Sagrado ajudam na formação de um religioso, o que se aprende em tenra idade dará bons frutos futuramente. Além

do mais, quanto mais nova a criança, menos vícios têm em seu espírito. Sendo assim, os pais e o preceptor devem aproveitar essa janela e tornar aquele rebento um ser repleto de virtudes. Em tenra idade a criança é como uma argila pronta a ser moldada. É nessa idade que se deve preocupar em ensinar corretamente a língua vernácula e outros idiomas à criança, pois a facilidade para aprender é maior; na fase adulta é mais difícil de aprender uma nova língua e ter uma pronúncia e um sotaque natural. (ERASMO, 2020)

O filósofo criticava aqueles mestres que traziam uma expressão ameaçadora para causar medo nos alunos. Algumas famílias confiavam a educação dos filhos a esses homens, pois acreditavam que a severidade era a mesma coisa que santidade. A crítica se estendeu aos colégios que se tornaram um lugar de tortura, local onde as crianças eram punidas com castigos físicos e humilhações. Esses pedagogos viam o medo como auxílio no ensino de seus alunos. Erasmo cita alguns casos de torturas, nos quais muitas crianças morriam de tanto apanhar. Essa forma que trabalhavam o ensino causava repulsa às letras e afastava as crianças da educação virtuosa. Mas o filósofo não poupa os pais ao observar que muitos utilizavam da tortura para amedrontar seus filhos. “É típico dos tiranos oprimir os cidadãos pelo medo; mantê-los no cumprimento dos deveres com benevolência, moderação é próprio dos reis”. (ERASMO, 2020)

“(…) faz-se necessário que o professor não exerça pressão nem seja severo, mas que seja mais constante do que excessivo. A constância não faz mal, se for moderada, se for temperada com variedade e com a alegria e, por fim, se essas coisas forem ensinadas de tal forma que não haja o pensamento de que trata de trabalho, mas que o menino pense que tudo se faz por brincadeira.” (ERASMO, 2020, P.91)

Contraopondo a visão que se tinha que a severidade dos mestres era benéfica, Erasmo propõe a docilidade do professor ao ensinar seu aluno. Assim, com um método carinhoso de ensino, a criança iria sentir-se numa brincadeira e o ensino não seria um fardo. Amado o professor, a criança amaria também o aprendizado. Para que esse sentimento fosse despertado, o preceptor deveria voltar a ser criança, adequar-se ao ritmo do seu aluno e ensiná-lo pouco a pouco, para que este se acostume com a disciplina. (ERASMO, 2020)

Como a criança tem facilidade em imitar, o filósofo sugere que em seu convívio deva haver pessoas que falem corretamente, para que ela aprenda o idioma da melhor maneira. As fábulas possuem um papel fundamental nesse processo formativo, pois se pode tirar delas lições morais que auxiliarão na Educação Liberal. O ensino também deve ser aplicado por meio de brincadeiras, por exemplo: o professor mostra uma imagem de um dragão lutando com uma serpente e através dela ensina a declinação latina das palavras, a anatomia dos animais e etc,

sempre respeitando o limite da idade e intelectual do aprendiz.. Erasmo aponta também as competições como forma de estímulo de aprendizado. Através dos jogos, as crianças se divertem e ficam contentes quando recebem um prêmio pelo bom desempenho. Porém, aqueles que saírem como perdedores devem receber dos professores a esperança de saírem vitoriosos na próxima vez. (ERASMO, 2020)

Em suma, enquanto a educação de seu tempo se preocupava com o ensino de crianças mais velhas, Erasmo aponta a importância de educar àquelas que ainda estão em tenra idade. Mesmo que pareça perda de tempo, esse processo formará homens virtuosos desde o berço e não dará espaço para que a mente da criança se ocupe com coisas que serão desaprendidas posteriormente. A presença dos pais na formação dos filhos e o preparo do professor são fatores essenciais para o êxito do aprendizado. (ERASMO,2020)

2 INÁCIO DE LOYOLA: O SOLDADO DE CRISTO NO PERÍODO DA REFORMA CATÓLICA

A Igreja Católica viveu um momento conturbado no século XVI. A figura de Lutero nos vem à mente quando ouvimos falar em reformas religiosas. Porém, seria equivocado acharmos que apenas o movimento protestante foi responsável pelas mudanças que ocorreram na Igreja romana em meados do século XVI.

Ao longo de sua história a Igreja viu surgir aliados e adversários em seu próprio seio. Antecedendo os protestantes, muitos fiéis católicos esperavam por uma mudança dentro da Igreja, em especial no que dizia respeito à moralidade do clero. Porém, os passos do catolicismo foram lentos e a tão esperada Reforma Católica demorou a acontecer.

Neste capítulo apresentaremos o contexto reformista que a Igreja Católica vivia no século XVI. É neste contexto que surgiu a figura de Santo Inácio de Loyola, celebre religioso cristão e que teve um papel de suma importância ao fundar umas das principais ordens do catolicismo.

2.1 A Reforma Católica: resposta aos protestantes?

Dentre os eventos que marcaram o século XVI, a Reforma Protestante foi o movimento que atingiu o cristianismo com mais força e causou a ruptura na Igreja Católica. Porém, o foco deste capítulo não está no movimento protestante, mas na posição do catolicismo perante esse cisma.

Geovanni Reale (1990) fez um alerta para a complexidade dos conceitos “Reforma Católica” e “Contrarreforma”, pois foram cunhados tempos depois do evento. O termo “contrarreforma” traz a ideia de uma resposta contra os protestantes. Mas não se deve concluir que o que ocorreu em Trento seria apenas um movimento anti-protestantismo. Como observa o professor Elvis Rezende Messias, “os termos ‘Reforma católica e ‘Contrarreforma’ não são sinônimos. O uso indiscriminado desses termos pode produzir equívocos interpretativos (...)” (MESSIAS, 35) Porém, já no final da Idade Média, a Igreja viu em seu meio fiéis que clamavam por regeneração no interior da *Ecclesia Mater*. Segundo Daniel-Rops:

“Foi um verdadeiro ‘Renascimento’, no sentido etimológico e profundo do termo, muito mais impressionante para um cristão do que aquele que se gabavam na mesma época as letras e as artes. A pretensa ‘Contrarreforma’ não começou com o Concílio de Trento bem depois de Lutero, mas é muito anterior à explosão de Wittenberg tanto nas suas origens como nas suas realizações; não se fez de modo nenhum para enfrentar os ‘reformadores’, mas

para corresponder às exigências e princípios na mais imutável tradição da Igreja, alicerçada nas suas mais vivas constantes de fidelidade.” (DANIEL-ROPS, 2014, P.7)

Jean Delumeau (2020) aponta movimentos reformistas antes do Concílio de Trento e que não tiveram êxito por não virem do centro da Igreja. Porém, segundo o historiador francês, havia muitos esforços para que Igreja se purificasse e voltasse para suas origens. Dentre esses esforços, Delumeau cita o aumento da participação dos leigos na vida da Igreja entre o século XIV e XV. Isso se deu devido à criação das confrarias, grupos de edificação e congregações em que os leigos se misturavam aos sacerdotes para o serviço à Igreja. Nesses movimentos, o latim era desprezado e a Bíblia lida era uma tradução para língua vernácula. Podemos citar a congregação dos Irmãos da Vida Comum, que teve Desidério Erasmo como um de seus membros. Os reformadores protestantes do século XVI deram ênfase à participação laica na vida eclesial, porém, a Igreja Católica não ignorava a ascensão dos leigos na vida da igreja. Em Trento, Nagarola, um nobre italiano, foi convidado para pregar aos sacerdotes durante o Concílio; além disso, ele também participou da redação do decreto sobre as tradições. O interesse da Igreja pelo ensino se deu por causa dessa ascensão laica. Falcon e Rodrigues (2006) também adotam o termo Reforma Católica, pois a mudança na Igreja testemunhada pelo século XVI ocorreria independentemente do movimento protestante.

Houve o nascimento das devoções particulares no período renascentista. Os fiéis passaram a cultivar práticas religiosas independentes das ordens monásticas existentes e como exemplo tem o sucesso do livro de Thomas de Kempis, *Imitação de Cristo*, obra que relata uma experiência pessoal com Jesus. Outros manuais que guiavam o cristão no caminho da fé também surgiram e, segundo Delumeau, *Os Exercícios Espirituais* de Santo Inácio foram inspirados neles. Essas obras devocionais centralizavam-se na figura de Jesus e isso ajudou no desenvolvimento de um cristocentrismo que inspirou Lutero e outros reformadores do século XVI. (DELUMEAU, 2020)

Os humanistas também foram vistos como reformadores por defenderem o estudo dos textos originais e o acesso da população à Bíblia. Erasmo é considerado um dos reformadores católicos; mesmo se opondo à conduta do clero e por não valorizar tanto a liturgia e os sacramentos, o holandês permaneceu católico até seus últimos anos. Porém, após o Concílio de Trento, que será abordado adiante, o filósofo holandês passou a ser rejeitado pela Igreja Católica. Para Erasmo, a reforma da Igreja aconteceria através da mudança de conduta dos cristãos:

“Mas o que propunha ele para confortar os cristãos? ‘O amor, a única receita do Evangelho.’ Se os fiéis de Jesus se esforçarem por praticar as virtudes do seu Senhor, a sociedade civil e religiosa será corrigida e a salvação de cada um assegurada.” (DELUMEAU, 2020, P.131)

Para o historiador francês Henri Daniel-Rops, o termo “contrarreforma” não corresponde à realidade dos fatos, pois a ação da Igreja Católica no século XVI não foi apenas uma resposta aos protestantes, embora o movimento encabeçado por Lutero provocasse a necessidade de a Igreja reafirmar alguns pontos de sua doutrina. A reforma era clamada séculos antes do monge alemão: no século XIII, por exemplo, temos a figura de São Francisco de Assis que discordando do modo luxuoso que alguns cristãos viviam, fundou a ordem franciscana e passou a viver de esmolas. Diferente do movimento protestante, a Reforma Católica se manteve fiel à Tradição da Igreja e através da oração, alguns homens se converteram e tiveram papel fundamental nesse momento decisivo para a Igreja Católica, como Inácio de Loyola, que não fundou a Companhia de Jesus para combater o protestantismo. (DANIEL-ROPS, 2014)

As ordens religiosas também foram reformadas por homens que viam que estavam desvirtuadas e buscavam o retorno à regra original deixada pelos fundadores. Um exemplo desse movimento é o nascimento da ordem dos capuchinhos, que descendem dos franciscanos. Estes tinham desviados das propostas de Francisco de Assis e a ordem capuchinha buscava o retorno à regra original. Os capuchinhos tiveram um papel muito importante no século XVI e seu trabalho missionário chamou a atenção do povo. Além das ordens reformadas, o século XVI viu surgir os clérigos regrantes: padres que viviam sobre regras religiosas, mas que exerciam seu ministério de maneira missionária, não se prendiam a uma paróquia e optavam pela pobreza (DANIEL-ROPS, 2014). Segundo Cairns (1995), em 1535, Ângela Merici fundou a ordem das ursulinas que cuidava dos doentes e educava as meninas.

Em suma, há tempos havia movimentos no interior da Igreja Católica que clamavam por uma Reforma e algumas foram feitas por pessoas que fundaram ordens e movimentos que buscavam o retorno ao cristianismo primitivo, porém não questionavam e nem atacavam os dogmas e sacramentos da Igreja. Com a Reforma Protestante, a Igreja viu a necessidade de dar uma resposta aos fiéis e para aqueles que estavam rompendo com ela. Em outras palavras, o protestantismo antecipou as mudanças que a Igreja Católica ponderava há tempos (RODRIGUES; FALCOM, 2006). Sendo assim, a convocação para o Concílio tridentino, que abordaremos mais adiante, não foi apenas uma resposta aos erros protestantes, mas também uma forma de confirmar os principais pontos da teologia católica (MESSIAS, 2017).

2.2 De soldado a santo: breve biografia de Inácio de Loyola

A Cristandade sofreu um baque com o cisma protestante. Porém, como já foi citado, homens e mulheres se levantaram buscando a Reforma Católica. O Concílio de Trento foi o ápice desse movimento reformista, todavia não foi apenas uma resposta aos protestantes, mas a concretização de alguns apelos que os próprios católicos faziam há tempos. E nesse momento caótico que a Igreja Católica passava, o cristianismo viu surgir homens que tiveram papéis fundamentais que ajudaram a Igreja nesse movimento reformista. Segundo Daniel-Rops:

Mas precisamente dessa fermentação confusa emergem homens que pensam e sentem plenamente com a Igreja, que nutrem poderosos anseios espirituais, mas que nem por isso concebem por um instante sequer que se possa fazer a reforma senão “pela mudança do homem, e não da religião”. Todos querem permanecer fiéis à Santa Madre Igreja, mesmo que ela ofereça momentaneamente um rosto decepcionante. Um Santo Inácio será o espécime mais ilustre desses homens (...) (DANIEL-ROPS, 2014, P.15)

Íñigo, a posteriori conhecido como Inácio, nasceu na Espanha em 1491, no castelo de Loyola (DANIEL-ROPS, 2014). Caçula de treze irmãos, Inácio perdeu a mãe muito cedo e seu pai não era um católico fervoroso. Como muitos de seu tempo, Inácio era apaixonado por cavalaria e alistou-se no exército. Tendo uma vida leviana, o jovem sofreu uma reviravolta no ano de 1521. Participando de uma batalha na cidade de Pamplona, Inácio teve sua perna ferida e por pouco não perdeu a vida. Foram necessárias três cirurgias, porém, o jovem ficou coxo de uma perna pelo resto da vida (CORDEIRO, 2016).

No tempo de sua recuperação, para passar o tédio, Inácio aproveitou da biblioteca paterna como passatempo. Após terminar de ler os romances de cavalaria, o cavaleiro começou a ler livros com temática religiosa. Dois livros são citados em sua biografia como fatores de sua conversão: “*Vida de Cristo*” de Ludolfo o Cartuxo e “*Flores dos Santos*”, versão espanhola da obra “*Lenda dourada*” (*Legenda Aurea*) de Jacques de Vorágine. Isso acabou despertando em Inácio uma cosmovisão diferente e ele, inspirando-se em santos como Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, decide abandonar suas posses e se dedicar ao serviço do Reino de Deus (DANIEL-ROPS, 2014).

Inácio deixou sua espada e seu punhal aos pés de Nossa Senhora no mosteiro Montserrat e partiu como eremita para Manresa. Ficou hospedado em um quarto dos dominicanos por cerca de dez meses, entre 1522 e 1523, meditando e rezando, além de ajudar no hospital local. Como fruto de sua experiência mística de oração, Inácio começou a escrever seus “*Exercícios Espirituais*”, obra que descreve passo a passo uma experiência com Jesus (CORDEIRO, 2016). Através do exame de consciência rigoroso, da penitência e do perdão de

Deus obtido, Inácio apontava o caminho ideal para que se chegasse à perfeição espiritual (SHELLY, 2018). Essa não era direcionada ao cristão que iria praticar os *Exercícios*, mas àqueles que iriam aplica-los: “não eram um manual para todos os bons cristãos, mas sim um guia para seus médicos espirituais, indicando as doses que deveriam receitar.” (MORSE, 1988) Porém, os *Exercícios* só foram publicados em 1548, período em que Inácio já tinha amadurecido espiritualmente e enriquecido sua obra com outros escritos espirituais, e se tornaram a base da espiritualidade da Companhia de Jesus (DANIEL-ROPS, 2014).

Após esse período em Manresa, Inácio partiu rumo a Jerusalém com o propósito de recuperar a cidade sagrada e devolvê-la aos cristãos sem pegar em armas. Ao longo do caminho, Inácio sobrevivia de esmola e repartia o que arrecadava com os outros necessitados. Ficou cerca de vinte dias na Cidade Santa e retornou para Espanha (CORDEIRO, 2016). Em seu país natal, aos trinta e três anos de idade, Inácio iniciou seu processo de estudo. Em Salamanca, Inácio, seus companheiros e seus *Exercícios* foram julgados pela Inquisição Espanhola e considerados inocentes, porém tiveram restrições para continuarem com o projeto missionário (DANIEL-ROPS, 2014).

A Formação de Loyola, desde sua conversão em 1521 até a fundação da Companhia (...), ocorreu precisamente durante a maré alta da renovação intelectual na Espanha. Ele estudou em Alcalá, Salamanca e Paris; embebeu-se em humanismo erasmista; foi seduzido pelo misticismo alemão pela leitura da obra máxima devocional do século XV, *A imitação de Cristo*(...). (MORSE, 1988, P.46)

Para ter mais liberdade missionária partiu para Paris e lá continuou seus estudos de maneira aprofundada por sete anos. Inácio viu o quanto era importante o estudo e quando fundou a Companhia de Jesus foi algo que impôs ao redigir sua Constituição (DANIEL-ROPS, 2014). Mas na cidade francesa os seus escritos foram analisados novamente pela inquisição, como foi relatado pelo próprio Inácio ao padre Câmara:

O inquisidor lhe disse que era verdade haver uma acusação, mas que não parecia coisa de importância. Queria apenas ver os escritos dos *Exercícios*. Quando os viu, ele os louvou muito e pediu ao Peregrino que lhe desse uma cópia. Assim ele fez. Contudo, o Peregrino pediu de novo e com insistência que houvesse por bem prosseguir com o processo e dar uma sentença. Diante da escusa do inquisidor, o Peregrino foi procura-lo com um notório público e testemunhas e registrou em ata tudo isso. (CÂMARA, 2014, P.90)

A Companhia de Jesus nasceu em 15 de agosto de 1534, quando Inácio com mais seis companheiros subiram a colina Monte dos Mártires, em Paris, para rezarem e fazerem votos de pobreza, castidade e irem à Jerusalém para trabalharem para a conversão dos infiéis. Segundo Daniel-Rops, Inácio e seus companheiros não tinham em mente o contexto de cisma que estava

acontecendo na Europa naquele momento, eles queriam trabalhar para a glória de Deus e não se encontrou nada referente ao movimento protestante nas primeiras cartas dos religiosos. No Natal de 1537 o nome Companhia de Jesus foi escolhido e em 27 de setembro de 1540 a Companhia foi fundada canonicamente com a bula *Regimini militantis Ecclesiar* de Paulo III. Além dos votos comuns da maioria das ordens religiosas, a saber, pobreza, obediência e castidade, a Companhia de Jesus trazia em sua fundação o quarto voto: obediência ao papa (DANIEL-ROPS, 2014).

A Companhia de Jesus teve um papel importante na Reforma Católica, se colocando a serviço do papa e da Igreja. Posteriormente, os missionários foram enviados para diversas localidades no mundo para levarem o Evangelho de Jesus para aqueles que ainda não conheciam. Inácio de Loyola morreu em 31 de julho de 1556, em Roma, e foi canonizado em 1622. Sua principal obra, "*Exercícios Espirituais*", foi lida por inúmeros católicos, incluindo papas que a recomendaram como ferramenta de santificação e aproximação de Deus (DANIEL-ROPS, 2014).

2.2.1 As instruções das Constituições da Companhia de Jesus

Após a sua fundação canônica em 1540, a Companhia de Jesus precisava de uma Constituição e seu fundador se colocou a serviço para montá-la. Inácio analisou as regras das ordens existentes de seu tempo e era impossível que não fosse refletido na Companhia o caráter militar de seu fundador; isso fica claro no princípio da Ordem: obediência. Aquele que queria fazer parte da Companhia deveria abrir mão de si, colocar-se a serviço de Cristo e obedecer ao superior da ordem e ao papa. Porém, para ingressar na ordem, o candidato tinha que ser forte fisicamente e ter uma mente sã. Em outras palavras, devia ser uma pessoa equilibrada e se tornar senhor de si (DANIEL-ROPS, 2014).

A duração da formação de um jesuíta era de 17 anos: antes de ser admitido como noviço, o candidato ficava alguns meses em observação. Após este período, entrava no noviciado, que duravam dois anos, enquanto em outras ordens a duração era de um ano. Nesse período, o noviço era formado nas práticas espirituais e no serviço. Após os votos de pobreza, obediência e castidade, iniciava-se a formação propriamente dita: três anos de estudos clássicos e ciências, três de filosofia e quatro de teologia. Entre o estudo de filosofia e teologia, o postulante passava por provas práticas em algum estabelecimento da Companhia. Essas provas duravam no máximo cinco anos. Após esse processo, o candidato era ordenado sacerdote e passava por uma última prova antes de incorporado à Companhia como coadjutor espiritual (DANIEL-ROPS, 2014).

Segundo Leonel Franca (2019), Inácio não tinha a pretensão de abrir colégios para estudantes que não fizessem parte da Companhia de Jesus. Porém, se tornou algo necessário e um instrumento eficaz na renovação cristã. O primeiro colégio clássico da Companhia foi o de Messina, Itália, fundado em agosto de 1548. Seguindo o modelo da faculdade de Paris, o colégio obteve sucesso de imediato animando seu fundador e no ano seguinte foi fundado em Palermo mais uma instituição da ordem. Em 1551, Inácio fundou o Colégio Romano para que servisse de modelo para os demais e formasse novos professores para a Ordem. Com o rápido crescimento dos colégios da Companhia, Inácio chamou a atenção para que se analisasse com mais acuidade antes de fundarem novas instituições, porém, como o período estava agitado, as suas ordens acabaram sendo deixadas em segundo plano:

(...) as necessidades prementes da Igreja, na época agitada da contrarreforma, as solicitações instantes de autoridades eclesiásticas e civis, os êxitos incontestavelmente obtidos e o entusiasmo de uma expansão juvenil passaram, não raro, por cima das restrições ditadas pela prudência dos Superiores. Quando faleceu Santo Inácio, a Companhia já contava com colégios na Itália, na Espanha, na Áustria, na Boêmia, na França e em Portugal; ao todo 33 colégios em atividade e outros 6 já por ele formalmente aceitos. (FRANCA, 2019, P.16)

Os colégios eram gratuitos e se preocupavam com o ensino da gramática, humanidades e da doutrina cristã. Mas essa gratuidade não tinha como finalidade um interesse exclusivo pelos pobres; pelo contrário, se ocupavam em atrair os filhos das elites para lhes dar uma formação católica. Outro fator que favorecia os rebentos nobres era a localização dos colégios em centros urbanos. Porém, isso dificultava o acesso dos jovens das áreas rurais. Portanto, para manterem os colégios em atividades, inicialmente, os jesuítas contavam com doações do alto clero e dos políticos, além dos fiéis que queriam contribuir de alguma forma. Em poucos anos a Companhia de Jesus adquiriu uma grande riqueza (FERLAN, 2018)

O modelo de estudos escolhido por Inácio foi o parisiense. Porém, vale ressaltar que Inácio estudou na Espanha e na Itália também, mas o modelo que encontrou em Paris foi o que mais lhe agradou. A universidade parisiense, assim como muitas do século XVI, sofreu a influência da corrente humanista e Inácio testemunhou essa transição de orientação de estudos. Em carta a um sobrinho, o religioso recomenda o estudo em Paris, pois lá se aprende “em poucos anos o que em qualquer outra não conseguiria senão depois de longo tempo”. (FRANCA, 2019, P.32). Sendo assim, seus sucessores mantiveram-se fiéis a Inácio na questão do método de ensino.

Segundo o relato de Inácio ao padre Câmara, cada ponto das Constituições era apresentado à Deus nas celebrações da Santa Missa e depois Inácio rezava e meditava sobre isso (CÂMARA, 2014). Para exemplificar, o padre Pedro de Ribadeneira (1526-1611) escreveu em sua biografia de Inácio de Loyola, por volta de 1572, que ao tratar da pobreza que a Companhia deveria observar, o fundador rezou com fervor durante quarenta dias (RIBADENEIRA, 2021). Depois de alguns anos de esforço as Constituições ficaram prontas e foram promulgadas após a morte de Inácio, não sem antes passar pela análise de dois cardeais escolhidos pelo papa Paulo IV. Após a análise, foram devolvidas sem alterações e logo pode se tornar pública para os membros da Companhia de Jesus (LOYOLA, 2004).

Expor-se-á aos candidatos que a intenção dos que primeiro se reuniram nesta Companhia foi admitir nela pessoas já desprendidas do mundo, e decididas a servir inteiramente a Deus em um ou outro Instituto Religioso. Por isso os que pretendem entrar na Companhia, antes de começar a viver sob a obediência em uma das suas residências ou colégios, devem distribuir todos os bens materiais que possuem, e renunciar e dispor todos os que esperam vir a ter. (LOYOLA, 2004, P.54).

Ao longo das Constituições Inácio deixa claro que a Companhia não trabalha em troca de dinheiro, mas que tem por finalidade ajudar a salvação das almas de todas as pessoas. Para isso, quem ingressava na Companhia tinha que abrir mão das coisas terrenas e fazer o voto de pobreza, obediência e castidade.. Porém, o candidato deveria quitar suas dívidas, abrir mãos de seus bens, aplica-los em obras santas e boas, ou seja, obras destinadas a ajudar os mais pobres. Após esse processo o candidato poderia iniciar sua caminhada na Companhia de Jesus, mas só se tornaria membro dela após passar por seis experiências: fazer os Exercícios Espirituais por um mês, ajudar durante um mês um ou mais hospitais, fazer uma peregrinação como mendigo, exercitar-se em ofícios humildes, expor a doutrina cristã às crianças e pessoas incultas e, por fim, fazer todas essas experiências juntas, de acordo com sua capacidade. Após esse caminho, o candidato seria avaliado e, somente se fosse aprovado pelos superiores, poderia ingressar oficialmente na Companhia. Portanto, além do desapego aos bens materiais, o candidato também deveria se desapegar da própria família e dos amigos que ficaram fora da Companhia, pois esse contato poderia perturbar o espírito do jovem (LOYOLA, 2004).

A quarta parte das Constituições da Companhia de Jesus é dedicada à “como instruir nas letras” os membros da Companhia. Os candidatos que ingressavam na Companhia só eram admitidos nos colégios após dois anos que tinham iniciado sua caminhada vocacional. O Instituto poderia receber outros estudantes pobres, mesmo que não tivessem a decisão de ingressar na Companhia. Porém, deveriam ser pessoas virtuosas e seguir o itinerário que os

escolásticos⁴ seguiam. A idade estabelecida pelo fundador era entre 14 e 23 anos, pois já não eram pessoas que não necessitavam de uma formação básica (LOYOLA, 2004).

O fundador da Companhia deixou registrado nas Constituições que os escolásticos deviam ter uma noite de sono suficiente e que não deviam estudar por muito tempo para que sua saúde não fosse prejudicada. O mesmo valia para vida espiritual; embora os escolásticos devessem participar da missa diária, fazerem exames de consciência e procurarem ter uma vida de oração, esses aspectos espirituais não deviam ser excessivos a ponto de prejudicarem os estudos. Com esse equilíbrio, Loyola via que os membros da Companhia poderiam servir ao Senhor com maior disposição (LOYOLA, 2004).

Através das Constituições Inácio lançou as bases do Plano Pedagógico dos jesuítas. Nelas, o fundador registrava sobre as matérias que se deveria estudar, sobre a hierarquia que deveria ser respeitada dentro dos colégios e das universidades da Companhia, além dos outros pontos que foram desenvolvidos posteriormente. Porém, a preocupação central das Constituições era preparar o jovem vocacionado a ser um modelo de cristão e que tudo que fizesse deveria ser para a honra e glória de Deus. Além disso, Inácio exortava que os membros da Companhia deviam “se adaptar à capacidade das crianças e das pessoas simples” e instruir-se como devem proceder nas regiões que estavam em missão, prevendo as dificuldades que poderiam surgir e procurarem os melhores meios para a pregação da doutrina cristã. Sendo assim, Inácio não descarta o ensinamento de outros idiomas além do latim, como, por exemplo, o árabe, o hindi e o caldeu. Em suma, a Companhia de Jesus tem em seu cerne o caráter missionário e Inácio orientava seus filhos sobre a importância de utilizarem os meios disponíveis das terras em que estivessem para que a pregação do Evangelho fosse mais eficaz (LOYOLA, 2004). Esse caráter missionário e essa dedicação aos estudos foram úteis à Igreja após o Concílio de Trento, como se verá adiante.

⁴ Escolásticos, segundo as Constituições, se referem a terceira categoria que eram admitidas na Companhia. Essa categoria era composta por jovens que eram aptos aos estudos e que futuramente poderiam servir na Companhia como professores ou em outro meio intelectual. (Loyola, p. 47)

3 O CONCÍLIO DE TRENTO E A COMPANHIA DE JESUS: A EVANGELIZAÇÃO POR MEIO DA EDUCAÇÃO

O humanismo representou uma revolução nos campos das ideias. A religião também foi atingida pelos pensamentos humanistas, e o cristianismo se viu dividido por um movimento que ficou conhecido como Reforma Protestante, tendo Martinho Lutero como um dos seus principais representantes.

O foco de nosso trabalho não é o movimento protestante, mas como a Igreja Católica reagiu com as mudanças que estavam ocorrendo. Como citado acima, dentro da Igreja havia movimentos que pediam por uma reforma e algumas mudanças ocorreram, porém em passos lentos. De certa forma, o protestantismo acelerou a atitude de mudança que a Igreja precisava tomar, pois seus ideais se espalharam de forma rápida e o catolicismo começou a perder espaço.

O Concílio de Trento foi a resposta que há tempos os católicos aguardavam. Porém, não foi realizado da noite para o dia e nem de maneira rápida. Embora o Concílio tenha contado com a presença de humanistas e protestantes em alguns momentos, a Tradição católica prevaleceu e a Igreja reafirmou seus dogmas de fé. Porém, algumas mudanças ocorreram e foram cruciais para a modernidade, como, por exemplo, a criação dos seminários. A Igreja Católica passou a se preocupar com a formação intelectual de seu clero e de seus fiéis.

Inácio de Loyola morreu antes da conclusão do Concílio. Porém, as Constituições escritas por ele se tornaram base para o Plano Pedagógico da Companhia de Jesus, que foi concluído alguns anos após a conclusão e divulgação das medidas adotadas pela Igreja Católica após o Concílio de Trento. Mas os jesuítas já exerciam um trabalho missionário e pedagógico antes da conclusão do *Ratio*, pois o espírito disciplinado e missionário de Santo Inácio estava enraizado na Companhia de Jesus.

3.1 O Concílio de Trento

O protestantismo estava ganhando espaço em terras que eram católicas. Desde o século XII, pelo menos, alguns fiéis clamavam por uma Reforma no interior da Igreja, porém, os papas que assumiram a cátedra de São Pedro não conseguiram realizar algum Concílio para que a Igreja respondesse os ataques dos protestantes e os apelos dos católicos. Quando o holandês Adriano VI foi eleito papa em 1522 (o último papa não italiano até a eleição do polonês São João Paulo II em 1978) surgiu uma esperança de que a Reforma Católica poderia ocorrer. Adriano começou uma reforma na Igreja de fato; procurou levar uma vida edificante,

afastou pessoas suspeitas da corte episcopal e denunciou em seus discursos os escândalos e a corrupção. Mas essa austeridade causou inimizades dentro da Igreja e Adriano não teve forças para empreender uma reforma profunda. Clemente VII, seu sucessor, não priorizou a reforma que a Igreja precisava (DANIEL-ROPS, 2014).

Em 13 de outubro de 1534, o conclave elegeu o cardeal Alexandre Farnese como novo papa e este adotou o nome de Paulo III. Homem da Renascença e amante das artes, Paulo III não tinha uma vida exemplar. Quando criou cardeais seus dois netos, Alexandre Farnese, de quatorze anos, e Ascânio Sforza de dezesseis anos, desanimou aqueles que esperavam que a Reforma Católica viria em seu pontificado e acreditaram que tudo continuaria da mesma forma. Mas estavam enganados. Daniel-Rops descreve Paulo III da seguinte forma:

(...) esse homem de sessenta e sete anos, curvado, quase corcunda, de comprido nariz aristocrático e barba branca, tinha um caráter muito forte, acompanhado de uma inteligência extremamente lúcida. Violento, mas sabendo dominar seus instintos coléricos que relampejavam às vezes nos seus olhos penetrantes, tinha conseguido permanecer na corte pontifícia durante seis pontificados, e ao logo deles mantivera num equilíbrio tão perfeito a balança das relações do Papado com a França e com o Império simultaneamente, que tanto Francisco I como Carlos V se declararam satisfeitos com sua eleição. (...) um homem tão firme, tão sutil e tão prudente como o papa Farnese poderia fazer maravilhas, se compreendesse um pouco o sentido do imenso drama que envolvia o cristianismo. (DANIEL-ROPS, 2014, P. 80-81)

Paulo III ouviu o clamor daqueles que pediam uma reforma e esta se iniciou em Roma. O papa admoestou aos cardeais que reduzissem o padrão de vida que levavam, a usarem as vestes eclesiásticas que tinham sido deixadas de lado e criou duas Congregações, colocadas sobre a direção de cardeais irrepreensíveis: uma vigiava a conduta do clero e a outra investigava as contas do Estado. Os cardeais que nomeou a partir de 1535 eram adeptos da reforma e foram os pilares da reconstrução que estava por vir. O papa também convidou Erasmo para receber o chapéu cardinalício, mas o humanista recusou (DANIEL-ROPS, 2014).

O papa formou uma “Comissão de reforma” responsável por estudar o que estava ocorrendo no momento e propor soluções. Os membros tinham a total liberdade para conduzir as investigações e possuíam o poder de coerção e sansão, que se estendia até os membros da Cúria. Como resultado de seu trabalho, a Comissão da reforma publicou alguns regulamentos que fixavam as condições morais para que o candidato recebesse as Ordens sacras e impunham que os clérigos, independente de sua posição na Hierarquia da Igreja, levassem um estilo de vida condizente com o seu ministério. Embora a sua eficácia não tenha sido imediata, a criação desses regulamentos ajudaram a neutralizar as críticas que algum membro do concílio pudesse fazer em relação à Roma e alguns pontos desses documentos foram utilizados nos decretos do

Concílio de Trento. Um dos principais membros dessa Comissão era o cardeal João Pedro Caraffa, futuro papa Paulo IV (DANIEL-ROPS, 2014).

Além da criação da Comissão da Reforma, Paulo III foi responsável por reativar, em 1542, a Inquisição como um organismo da Igreja; ela havia caído em desuso no fim da Idade Média e passou a ser executada diretamente pelos reis. Os dominicanos voltaram a ser responsáveis pelos tribunais e o cardeal Caraffa foi escolhido como a cabeça do Santo Ofício. Outra inovação criada pelo papa Paulo III foi o Index, que teve sua existência oficializada em 1557 com o papa Paulo IV. Em 1543 foram elaborados vários índices que apontavam quais obras eram nocivas para fé cristã e punição de quem vendia e possuía esses livros variava desde uma multa até o exílio (DANIEL-ROPS, 2014).

Com essas atividades o terreno para a convocação do Concílio foi preparado, pois a sua autoridade não seria questionada. Porém, a convocação para o Concílio foi cheia de percalços. Primeiramente havia os membros da Cúria que temiam perder dinheiro com a possível reforma e aconselhavam o papa não convocar um concílio para tal tarefa. Havia, também, a preocupação com os protestantes, pois, em 1518, Lutero apelou para Assembleia da Igreja, mas o concílio que ele desejava era que os pastores estivessem em pé de igualdade com bispos e que somente o Evangelho fosse usado como fonte para a discussão dos problemas. E por fim, havia o problema político: o papa não podia contar com os príncipes, alguns já tinham rompido com a Igreja e outros estavam em disputas entre si. Contanto que é por causa dessas disputas que a pequena cidade de Trento foi escolhida para sediar a assembleia dos bispos. Após quase 10 anos de discussões e barreiras, em 13 de dezembro de 1545, a primeira sessão do Concílio de Trento foi aberta (DANIEL-ROPS, 2014).

Os bispos que participavam acreditavam que o Concílio em breve terminaria e logo poderiam retornar a sua rotina. Mas não foi isso que aconteceu. A assembleia durou 18 anos, sendo interrompida algumas vezes e ficando suspenso por quase dez anos. Porém, dentre os fatores que motivaram a demora da conclusão do Concílio, podemos citar as diferenças nacionais, pois, os bispos participantes não se desvencilhavam da terra em que pertenciam e atacavam àqueles que estavam subordinados a outros príncipes. Mas esses conflitos não eram tão grandes a ponto de paralisarem a reunião. O principal fator que levou a Igreja a atrasar a sua tão esperada Reforma foi o político. Segundo Daniel-Rops:

(...) os soberanos- particularmente um- arrogaram-se o direito de lançar o peso da sua autoridade sobre os assuntos da assembleia e durante muito tempo tornaram a situação inextricável. Carlos V foi um dos responsáveis por essas complicações. Extremamente desconfiado a respeito do Papado, que ele sempre temia ver dominar a Itália, estava igualmente preocupado em não romper com os protestantes da Alemanha, para evitar perturbações nos seus

Estados. Para o imperador, o Concílio devia ser um campo de entendimento entre católicos e hereges, quando, para os papas e para o conjunto da Igreja, era imprescindível chegar a definições bem claras, mesmo que daí resultasse uma ruptura. (DANIEL-ROPS, 2014, 91)

Paulo III morreu aos 82 anos e foi sucedido por Julio III, que pouco fez para que o Concílio atingisse seu êxito; seu sucessor, Marcelo II, trouxe a esperança de que a Reforma Católica finalmente iria acontecer, mas ele morreu cerca de 20 dias depois de sua eleição. O cardeal Caraffa, com cerca de 80 anos, foi escolhido como novo papa e escolheu o nome de Paulo IV. Porém, seu pontificado foi marcado pela opressão: a Inquisição se tornou mais violenta, perseguia qualquer “aparência” de heresia e o próprio papa presidiu o Santo Ofício. Paulo IV também oficializou o Index em 1558 e elaborou um catálogo oficial com os livros proibidos. O Concílio ficou paralisado no pontificado de Caraffa, pois, “um homem desses não sentia nenhuma vontade de deixar que uma assembleia não dominada por ele tomasse decisões” (ROPS, 91). Mas o papa também fez algumas reformas internas: expulsou bispos que moravam em Roma ao invés de comandarem suas dioceses, lutou pelo fim da simonia e foi rígido com o clero católico para que procurasse viver corretamente. Quando Paulo IV morreu, em 1559, o povo romano invadiu o palácio da Inquisição e libertou os prisioneiros, além de destruírem uma estátua que tinham erguido há algum tempo em homenagem ao papa Paulo IV por ter baixado os impostos (DANIEL-ROPS, 2014).

A tarefa de encerrar o Concílio ficou para Pio IV. Mais equilibrado que seu antecessor, o novo papa moderou algumas das decisões de Paulo IV; a obra total de Erasmo estava no Index, Pio IV, porém, retirou algumas. Embora não tenha abolido a Inquisição, o papa exortava que ela não devia intervir em outros campos que não fossem o religioso. Segundo Daniel-Rops, em relação a seu antecessor, Pio IV “mudou, pois, a atmosfera; não se rompia com as intenções de Paulo IV, mas mudava-se de meios”. Porém, é importante ressaltar a figura importante do sobrinho do papa que, como Secretário de Estado e cardeal, foi fundamental nesse período de reforma pelo qual a Igreja passava; posteriormente esse homem foi cononizado devido à suas virtudes de santidade, segundo a Igreja Católica, e passou a ser conhecido como São Carlos Borromeu (DANIEL-ROPS, 2014).

O Concílio foi encerrado em 04 de dezembro de 1563 e foi um dos mais frutuosos para a Igreja. Desde então a fé católica foi fixada e transmitida aos fiéis tendo esse Concílio como um dos principais pilares. Segundo Daniel-Rops, a obra de Trento pode ser definida como “*monumento de sabedoria e precisão*” (P.105). Enquanto as doutrinas protestantes foram baseadas em ideias de um homem, como Lutero e Calvino, por exemplo, a doutrina do Concílio de Trento foi definida pela consciência coletiva da Igreja; além de olharem para o passado com

a preocupação com a Tradição, não deixaram de pensar no futuro do catolicismo. Como já abordado, no campo espiritual a renovação católica não era apenas uma resposta aos protestantes, mas sim uma resposta ao apelo de muitos fiéis. Porém, no campo doutrinário, os golpes protestantes fizeram a Igreja refletir sobre seus dogmas e solidificar os pontos de sua estrutura espiritual que estavam mais frágeis: não houve nenhuma das grandes teses protestantes que não tiveram respostas nos cânones do Concílio (DANIEL-ROPS, 2014).

A Igreja Católica reafirmou sua fé em Trento e defendeu a eficácia e a importância dos Sacramentos como instrumentos da salvação que vem de Jesus Cristo. Daniel-Rops apontou que o Concílio se aproximou do humanismo, ao contrário de seus adversários, pois, o homem é um colaborador na obra de sua salvação, embora o esforço sem graça divina seja inútil, essa graça não lhe faltaria se fosse fiel ao Senhor. Portanto, a Igreja reafirmou a importância das boas obras dos cristãos, porque somente a fé não basta, pois, quando o homem comete um pecado mortal e não se arrepende, está privado da graça e se coloca no caminho da condenação, mesmo que creia. Dessa forma, podemos perceber um humanismo cristão, ao contrário da corrente de pensamentos que já abordamos: enquanto o humanismo intelectual coloca o homem no centro de tudo e deixa Deus em segundo plano, o humanismo cristão mantém Deus no centro e deu ao homem um papel de ajudante do Senhor (DANIEL-ROPS, 2014).

O Concílio decretava que o bispo devia residir em sua diocese e o padre em sua paróquia, pois assim podiam desempenhar sua função da maneira correta. Para que o padre pudesse pregar e ensinar o povo sobre a Sagrada Escritura, os Sacramentos e a Liturgia, os seminários foram criados para que àquele que desejasse seguir o caminho sacerdotal tivesse uma condição intelectual sólida para instruir e administrar os sacramentos de maneira correta. A criação desses seminários foi fruto da assimilação que a Igreja Católica fez do que era proposto pelos pedagogos, pelos jesuítas e até por Calvino (DANIEL-ROPS, 2014).

O responsável pela aplicação das decisões do Concílio foi Pio V. Diferentemente de seus antecessores, Pio V vivia uma vida sóbria; bebia apenas água, passava horas meditando a Paixão de Cristo, rezava o terço e chorava quando orava diante do Santíssimo Sacramento. Sendo assim, o novo papa iniciou a Reforma Católica em Roma e aos poucos se propagou pelo restante da Igreja. Pio V começou com a correção da conduta do clero, depois proibiu as corridas em frente à Basílica de São Pedro e criou a devoção das Quarenta Horas de oração ao Santíssimo Sacramento para o desagravo das ofensas cometidas nos dias de Carnaval (DANIEL-ROPS, 2014).

Obedecendo também nesta matéria aos decretos de Trento, considerou sua obrigação levar a bom termo e promulgar os livros que o Concílio achara indispensáveis. Não bastava eliminar as obras nocivas designadas pelo Index (...). Era necessário dar aos fiéis o bom alimento de que suas almas tinham fome, com esse propósito, editaram-se sucessivamente quatro publicações que viriam a ser fundamentais: o Catecismo, o Breviário, o Missal e a Suma de São Tomás de Aquino. (DANIEL-ROPS, 2014, P.117)

O Breviário é o livro que os religiosos usam para rezar nas horas canônicas. O Missal é o que guia a Igreja na celebração da Santa Missa: com a reforma do Missal, Pio V procurava unificar a Igreja estabelecendo um rito apenas para a celebração da Eucaristia. Além das reformas nos livros citados, Pio V, dominicano, viu em Santo Tomás de Aquino um grande teólogo para ser usado como base para a reedificação da Igreja. No ano de 1567, ele proclama o pensador medieval como *doutor da Igreja* e bancou a publicação definitiva da *Summa Theologica*. A partir de então as universidades receberam ordens de ensinarem apenas o tomismo e os jesuítas foram um dos primeiros a atender tal pedido. Porém, a publicação do Catecismo é o que vai guiar o trabalho missionário da Igreja. A publicação ocorreu em setembro de 1566 e logo foi traduzido em diversas línguas, pois nele estava contido tudo o que um católico deveria saber de sua fé. Segundo Célio Costa e Flat James Martins, “O texto deveria ser sem devaneios, sem longos discursos, ser acessível e apresentar clareza na apresentação dos dogmas.” (COSTA E MARTINS, 2010,P.100).

Apesar de algumas mudanças, a Igreja Católica permaneceu fiel à sua Tradição. Em algumas localidades, como a Espanha, por exemplo, as mudanças do Concílio de Trento não tiveram impacto, haja vista que a Reforma Católica antecedeu o movimento de Lutero nas terras espanholas e as decisões de Trento foram consideradas continuação (MORSE, 1988). Em outras palavras, podemos dizer que no ponto de vista de Richard Morse, a Igreja Católica fez um recuo à ideias medievais, embora tenha adotado alguma novidades na Idade Moderna. Além de responder os luteranos, a Igreja também respondeu a corrente de pensamento humanista que desejava que o estudo da Bíblia fosse feito de maneira individualizada. A Igreja viu isso como um individualismo herético, semelhante a *Sola Scriptura* (*Somente as Escrituras*) defendida pelos seguidores de Lutero. Segundo Skinner (1996), ao decidir se afastar a perspectiva de união com as seitas protestantes, a Igreja Católica também perdeu a sua aceitação unanime (SKINNER, 1996).

3.2 O método pedagógico da Companhia de Jesus

A preocupação com a formação do clero e dos católicos fortaleceu a Igreja no campo intelectual. Os membros da Companhia de Jesus tiveram um papel muito importante nesse período em que o catolicismo foi a campo para recuperar as almas perdidas e para conquistar novos fiéis.

O propósito do concílio tridentino, no século XVI, foi reafirmar as doutrinas tradicionais e reorganizar o predomínio católico contra o avanço do protestantismo. Nesse contexto, o projeto missionário e educativo jesuítico assumiu grande relevância, a partir da expansão de uma rede educativa religiosa. (SANTOS, 2014, P. 210)

Inácio de Loyola já havia falecido quando o Concílio de Trento foi concluído. Porém, o fundador pode observar o crescimento dos colégios da Companhia de Jesus em pouco tempo de existência. Na IV das Constituições, Inácio dava as diretrizes pedagógicas que os colégios da Companhia deveriam seguir. Mas o próprio fundador deixava claro que era necessário que a Ordem tivesse um estatuto com o seu método de ensino. Esse caminho pedagógico culminou com o *Ratio Studiorum (Plano de Estudos)* concluído em 1599, quarenta e três anos após a morte de Inácio de Loyola. Porém, o Ratio não nasceu de uma hora para outra e nem foi redigida apenas por um homem, embora a figura do padre Claudio Acquaviva seja de suma importância, pois foi quem organizou, junto com uma comissão, as normas que já faziam parte do cotidiano da Companhia. Segundo o padre Leonel Franca S.J. (1893-1948), o Ratio foi fruto da experiência comum dos jesuítas ao longo do tempo. Os primeiros jesuítas não tinham a pretensão de inovar ou revolucionar os métodos pedagógicos existentes, nem romper com as tradições escolares existentes; adaptaram-se ao tempo e procuraram atender as exigências de sua época. Em outras palavras, os jesuítas souberam acompanhar a cultura que caminhava pelos séculos (FRANCA, 2019).

Com mais esta satisfação dada às críticas recebidas, julgou Acquaviva chegado enfim o momento de dar por definitivamente concluída a momentosa tarefa a que metera nos ombros no princípio de seu governo, o mais longo e um dos mais brilhantes e também dos mais tumultuosos na história da Companhia de Jesus. Em janeiro de 1599 uma circular comunicava a todas as províncias a edição definitiva do *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*. Já não era a comunicação de um projeto de estudos, mas a promulgação de uma lei. (FRANCA, 2019, P.24)

O método jesuítico sofreu influência do Renascimento. Além do retorno aos clássicos, especialmente aos pedagogos da antiguidade, os jesuítas também abraçaram o retorno do tomismo, movimento iniciado no começo do século XVI por Pedro Crockaert, posteriormente chamado de frei Pedro de Bruxelas. Os mestres de teologia de Inácio foram alunos de

Crockaert. Sendo assim, os jesuítas contribuíram para a introdução definitiva da *Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino, em substituição ao *Livro das sentenças*, de Pedro Lombardo, nas aulas de teologia (FRANCA, 2019). Segundo Quentin Skinner (1996), a partir da segunda metade do século XVI, os filhos de Santo Inácio de Loyola foram os principais propagadores do tomismo. Além do mais, os tomistas tinham como objetivo corrigir as heresias luteranas e humanistas.

O plano de estudos dos jesuítas trazia a importância da participação do aluno no processo de aprendizado. Porém, o objetivo principal do método jesuítico era levar o discente ao conhecimento e amor pelo Criador. Inácio tinha estabelecido que os alunos aceitos pelos colégios devessem ter um mínimo de alfabetização, sendo assim, os jesuítas não se preocupavam com a educação da criança em tenra idade (FERLAN, 2018). Ao longo do *Ratio* as regras para os professores e alunos são apresentadas e mostram a finalidade dos colégios jesuítas, mas o número de regras dirigidas aos professores é maior, pois o mestre era visto como o centro dessa formação pedagógica. Antes de se dedicar à formação das almas dos alunos, o professor deveria dedicar dois anos inteiros para a formação de sua própria alma. Nesse período formativo, o formador aprenderia a dominar as próprias paixões e a despertar as virtudes cristãs, como paciência, piedade e renúncia de si (FRANCA, 2019)

Após esse período de construção interior, o jovem candidato iniciava sua formação intelectual. Os dois primeiros anos eram dedicados ao estudo das línguas clássicas: latim, grego e hebreu. Depois, o jovem jesuíta cursava três anos de filosofia e quatro de teologia. Por fim, o acadêmico dedicava-se por dois anos à matéria que iria lecionar. Porém, antes de entrar em uma sala de aula para trabalhar, o jovem professor era confiado a um homem distinto para exercitar seu trabalho. Essa preocupação na formação de seus professores era um diferencial da Companhia de Jesus:

Num conceito justo e integral da missão educadora, a formação do mestre deve ser também inteira e completa, abraçando todos os aspectos da perfeição humana. Não é só pela inteligência culta e ilustrada, mas pela sua personalidade toda que o educador modela no educando o homem perfeito de amanhã. (FRANCA, 2019, P.82)

As aulas deveriam começar com uma oração e os professores tinham que tomar cuidado com os livros que iriam utilizar em suas aulas e evitar obras contrárias à Igreja, e quando houvesse algum questionamento que poderia contrariar a fé católica, o professor deveria refutar de forma breve e indicar autores para que os alunos se aprofundem no tema. O professor de filosofia já devia ter concluído a teologia e não ser adaptado a novidades. O principal pensador trabalhado pelos jesuítas, tanto no campo teológico quanto no filosófico era São Tomás de

Aquino e, conseqüentemente, Aristóteles. Mas isso não quer dizer que eram os únicos. Além disso, os professores deveriam sempre estar cientes de como estava o prosseguimento das aulas e não fazer distinção entre alunos ricos e pobres: era exortado a procurar o progresso de todos (FRANCA, 2019).

Havia a hierarquia e o reitor era o ponto alto dela. Se o professor quisesse adotar em suas aulas algum livro que não estivesse presente no plano de estudos do colégio, deveria apresenta-lo ao reitor e só utilizá-lo após análise e aprovação do mesmo. Porém, o reitor também deveria seguir regras específicas que o *Ratio Studiorum* indicava a ele, como, por exemplo, estar presente nos exercícios escolares e zelar pela formação virtuosa e religiosa dos estudantes (FRANCA, 2019).

Os alunos eram exortados a viverem de acordo com a fé cristã: “entendam que, com a graça de Deus, se empregará todo cuidado para que sejam formados não menos na piedade e nas outras virtudes do que nas artes liberais” (FRANCA, 2019, P.172). Sendo assim, os alunos deviam confessar-se ao menos uma vez ao mês, participarem do catecismo uma vez por semana, esforçarem-se em manter a alma pura e piedosa, fugirem das más companhias e assim se tornarem modelos de aplicação na vida espiritual e intelectual. Em relação aos estudos, o *Ratio* apontava que os alunos deveriam obedecer aos professores, frequentar assiduamente as aulas e manter silêncio durante as aulas. Porém, o aluno era estimulado ao longo do curso a participar ativamente do processo pedagógico. O *Ratio* apontava aos professores a responsabilidade de manter a atenção viva dos jovens e que deveriam sempre “apelar” para atividade do aluno: o discente não deveria apenas memorizar a matéria, mas também entender e explicar o que foi aprendido ao longo do curso. Como se verá mais adiante, com as peças de teatro, os alunos reforçava o que lhes fora ensinado e ensinavam os espectadores (FRANCA, 2019).

Segundo Franca (2019), em ultimo caso, os professores poderiam levar os alunos ao corretor para que fossem punidos. Mas os jesuítas não eram amigos dos castigos corporais, embora não tenham acabado com eles por completo, foram uns dos responsáveis por sua diminuição. Os professores deviam castigar com trabalhos literários e não deviam insultar com injúrias os alunos. Além do mais, antes de recorrerem aos castigos corporais, os mestres deveriam apelar para as questões de honra e dignidade, com esperança de despertar sentimentos nobres nos meninos. Os castigos físicos só deviam ser aplicados em casos mais graves e o responsável em aplica-los era o corretor.

Ainda nestes casos mais raros o *Ratio* rodeava a aplicação do castigo de tais circunstâncias que lhe restringiam as possibilidades de abuso e conservavam a eficácia disciplinadora. (...) o professor da Companhia nunca devia, com suas próprias mãos, tocar o aluno (...). Era uma tradição que remontava a Santo Inácio. Em 1552 escrevia o Santo Everardo Mercuriano: “Não convém que os professores da Companhia castiguem senão por palavras”. Para o ingrato mister cumpria tomar um oficial de fora, o corretor, homem sério e moderado, que administraria a punição de acordo com as instruções recebidas do Prefeito de estudos. (FRANCA, 2019, P.60)

Com o passar do tempo os castigos físicos foram perdendo de vez o espaço e começaram a serem substituídos por uma direção espiritual que procurava organizar o tempo e o espaço dos alunos para que, através de métodos de ensinamentos específicos, se tornassem modelos de católicos perfeitos (SANTOS, 2014).

Uma forma de estimular os alunos era a emulação, remetendo aos debates filosóficos e teológicos da Antiguidade e da Idade Média. Os prêmios eram distribuídos aos vencedores em uma cerimônia solene que realçava a importância da conquista: “Para maior glória e progresso das letras e de todos os alunos deste ginásio, mereceu o primeiro, o segundo e o terceiro prêmio...” (FRANCA, 2019, P.140). Os nomes dos alunos que mais se aproximaram dos três vencedores também eram citados, dessa forma, buscava-se incentivar que continuassem se esforçando para serem premiados. Havia um número pré-estabelecido de prêmios por turma e o *Ratio* indicava em que matérias deveriam ser distribuídos. (FRANCA, 2019)

Os colégios jesuítas viram florescer em seu interior as academias, frutos da emulação. Os alunos que se reuniam nelas deviam procurar servir de exemplo aos outros, seja pelo talento, piedade ou aplicação nos estudos. Elas despertavam o espírito científico investigativo nos alunos e podem ser consideradas as precursoras dos seminários de história das faculdades atuais. Essas academias também serviam de reforço para os estudantes: se aprofundando em temas literários, revisando as matérias e discutindo o que foi aprendido, eles se preparavam para as futuras disputas. Tudo isso era orientado por um padre nomeado pelo reitor, além de elegerem, democraticamente, um presidente, secretário e conselheiros. Em suma, seguindo a ideia de “emulação santa” de Santo Inácio, o *Ratio* exorta os professores a incentivarem a “emulação nobre”. Em outras palavras, essas disputas tinham como objetivo principal estimular os alunos a se desenvolverem no campo acadêmico e piedoso (FRANCA, 2019).

Embora os alunos fossem proibidos de frequentarem os espetáculos públicos, os jesuítas utilizaram-se do teatro para descontrair e ao mesmo tempo educar os internos e seus familiares. As peças eram abertas ao público e eram encenadas em latim e, geralmente, retratavam cenas da Sagrada Escritura, reviviam feitos dos santos ou até de heróis da Grécia antiga: “...

inculcava-se as virtudes e enalteciam-se as ações nobres e viris em prol das grandes causas”. (FRANCA, 2019, P.69). Essas encenações eram realizadas nos mais diversos momentos da comunidade: em uma visita de alguma personalidade eclesial ou civil, em alguma festa escolar ou na comemoração de algum evento nacional (FRANCA, 2019).

A educação jesuíta se destacou ao longo dos séculos devido a sua rigidez e preocupação com a formação virtuosa de seus alunos. A alma da metodologia dos jesuítas é a formação religiosa e mais do que isso, buscavam formar homens com morais distintas e que fossem exemplos para os seus semelhantes. Em uma época marcada pelo cisma protestante, a Igreja Católica utilizou das ferramentas que tinha para recuperar os fiéis e conquistar novas almas para o seu rebanho, pois nesse período também ocorreu o sucesso das navegações. Os filhos de Santo Inácio se tornaram peças fundamentais nessa ação evangelizadora da Igreja e seu método educacional foi eficaz.

(...) a criação da Companhia de Jesus personificou, por um lado, a Reforma católica, e por outro lado, a cultura renascentista, assentando o seu ensino no estudo das humanidades e das ciências. A ação dos jesuítas foi marcada pela ousadia no contato com outros povos e outras culturas, especialmente de regiões longínquas, expressando o modelo de homem renascentista idealizado pela cultura humanista que os missionários jesuítas encarnaram. (SANTOS, 2014, P.215)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Renascimento marcou a Idade Moderna. Com o intuito de regressar ao passado clássico, os renascentistas influenciaram a sociedade do século XVI e foram um dos responsáveis pelas mudanças que iniciaram nesse período. Podemos citar o Humanismo como um dos frutos do Renascimento e, por vezes, são confundidos por algumas semelhanças. Porém, enquanto o movimento renascentista tinha uma ligação estreita com as artes, os humanistas buscavam nos escritos dos autores clássicos o modelo ideal do homem virtuoso. Essa busca provocou uma mudança no sistema educacional dessa época, embora ainda trouxesse o modelo medieval em suas raízes. Portanto, a educação da Idade Moderna se diferencia em notar a criança como um indivíduo e, embora aconteça lentamente, essa percepção adentra nas salas de aulas e as turmas passaram a ser divididas por idade. Sendo assim, cada sala tinha seus estudos específicos.

Os humanistas foram os responsáveis pelo resgate de autores clássicos e desconhecidos da população até então, além de introduzirem o estudo do grego nos colégios. Seguindo as raízes medievais, a educação humanista visava tornar os alunos modelos de católicos virtuosos. Portanto, inicialmente, o estudo das línguas clássicas estava voltado para o estudo da Sagrada Escritura.

Erasmus de Roterdã propunha um modelo de “educação liberal”. Vale ressaltar que o termo “liberal” não possui ligação com o modelo econômico e nem quer dizer que seja uma forma frouxa de educar, pelo contrario, buscava-se o aperfeiçoamento das ideias dos alunos e tinha como finalidade transformá-los em homens virtuosos. O modelo pedagógico apresentado pelo holandês opunha-se ao que estava acontecendo nos colégios. Os alunos iniciavam seus estudos a partir dos sete anos de idade. Erasmo, porém, apresenta argumentos para que a educação seja iniciada um pouco mais cedo, com cerca de três anos de idade, pois, nessa fase, segundo o filósofo, a criança possui mais facilidade em memorizar e imitar. Essas características poderiam ser benéficas para o processo formativo.

Outro ponto que o filósofo de Roterdã apresenta é a participação dos pais na formação dos filhos. Erasmo criticou àqueles que preferiam gastar seu dinheiro em coisas banais ao invés de investir na formação daqueles que seriam seus herdeiros. Dessa forma, a instrução também era necessária aos pais para que pudessem ser os primeiros formadores.

Erasmus escreveu que não se devia economizar na escolha de um preceptor. Além de orientar que a escolha deveria ser feita apenas uma vez, o filósofo valorizava o papel do professor nesse processo formativo, mostrando que um bom mestre é essencial para que o

aluno trilhe o caminho da virtude. Portanto, Erasmo dirige-se aos professores com modelos pedagógicos que vão desde o estudo das fabulas até os jogos e competições, tendo a finalidade de despertar na criança o amor pelo saber. Sendo assim, os preceptores deveriam ser dóceis e se utilizarem da linguagem da criança para educa-la. Esse modelo se opunha ao que ocorria nos colégios tradicionais: os professores causavam medo em seus alunos e o castigo físico era algo comum no caminho do aprendizado. Erasmo se opõe à esses castigos, tanto realizados pelos professores quanto pelos pais, e aponta o amor como um modelo para ser seguido. Assim, a criança não terá repulsa pela educação e estará mais aberta para receber as instruções.

Contemporâneo de Erasmo, Inácio de Loyola não tinha uma preocupação inicial com a educação, embora sua conversão tenha se dado pela leitura de livros religiosos. Porém, com o seu amadurecimento, o fundador da Companhia de Jesus começou a se preocupar com o processo formativo e começou a abrir colégios pela Europa. As *Constituições* deram o norte inicial para que a Companhia organizasse seus colégios. O caráter militar e missionário de Santo Inácio está presente nas *Constituições* e enraizado na ordem que fundou. Sendo assim, a Companhia de Jesus nasceu com um espírito missionário e estava pronta para pregar o Evangelho pelo mundo. Além do mais, a obediência aos seus superiores e ao Santo Padre era algo indispensável para ingressar e permanecer entre os membros da Companhia.

Inácio, assim como Erasmo, surgiu em um contexto conturbado pelas mudanças renascentistas. Além da educação, a religião também sofreu influencia do humanismo e um dos seus frutos é a Reforma Protestante. Não aprofundamos nesse tema ao longo do trabalho, porém, embora a Igreja Católica já estivesse recebendo manifestações de fiéis clamando por uma Reforma e, de certa forma, alguns movimentos provocaram algumas mudanças dentro da Igreja, o movimento protestante ajudou a acelerar a Reforma Católica. A Igreja viu o ápice desse processo reformista no Concílio de Trento.

O Concílio tridentino foi essencial para que a fé da Igreja Católica fosse consolidada. Erasmo e Inácio não participaram desse concílio, mas, humanistas e jesuítas estiveram presentes nas sessões conciliares e de certa forma a ideia dos dois também esteve. Porém, nosso foco não são todas as mudanças que o Concílio de Trento para a Igreja Católica, mas como essa reunião influenciou o campo educacional no século XVI. Com seu ardor missionário e sua disciplina militar, a Companhia de Jesus se tornou uma ferramenta fundamental para a Igreja nesse período e foi uma das responsáveis por espalhar as decisões do Concílio.

. Embora Santo Inácio tenha deixado as diretrizes nas *Constituições*, somente na elaboração do *Ratio Studiorum* que a Companhia de Jesus organizou o seu modelo pedagógico, porém, isso não quer dizer que a preocupação com a educação tenha surgido apenas com o

Ratio. Pelo contrário, o Plano de Estudos dos jesuítas tinha como objetivo uniformizar a educação católica dentro de seus colégios. Dessa forma, independentemente da localidade em que se encontrassem, os alunos teriam o mesmo pensamento e o mesmo modelo de vida cristã.

O modelo pedagógico dos jesuítas sofreu influência do Renascimento. Porém, seu ponto forte é a adoção do tomismo como corrente de pensamento. Em alguns aspectos se assemelha com algumas propostas de Erasmo, como o papel ativo do aluno em seu processo de aprendizagem, as competições como modelo de incentivo à educação, o estudo das línguas clássicas e a importância do professor nesse processo formativo; a Companhia de Jesus se mostrava preocupada com a formação do professor, tanto intelectual quanto moral, semelhante à Erasmo, porém, o que os diferencia é que os filhos de Inácio apresentam uma formação direcionada aos professores e estes só poderiam assumir um sala de aula após a conclusão desse processo.

Erasmo e Inácio estudaram em Montaigne, porém, o humanista trazia péssimas recordações de lá, enquanto o santo nutria admiração pelo colégio. Essa coincidência mostra os caminhos pedagógicos que cada um seguiu: enquanto Erasmo condena a rigidez do ensino e os castigos físicos, Inácio de Loyola e seus filhos ficaram conhecidos pela postura militar em que conduziram os seus colégios, defendendo a importância da disciplina e obediência. Porém, embora os castigos físicos fossem aceitos nos colégios dos jesuítas, essa prática foi enfraquecendo e perdendo espaço ao longo dos anos. Mas o ponto central nessa discussão é que enquanto para um castigar fisicamente o aluno era algo inadmissível, para outro era algo tolerável, embora fosse visto como último recurso.

Além da preocupação com o latim e o grego, Inácio deixou nas *Constituições* a importância de conhecer as línguas dos povos que estivessem sendo evangelizados. Porém, diferente da visão de Erasmo de Roterdã, Inácio de Loyola aconselhava que os colégios admitissem jovens a partir dos 14 anos. Mediante a essa situação, a proposta do filósofo humanista se mostrava mais eficaz perante a finalidade de se educar homens virtuosos para a sociedade: educando-se uma criança de tenra idade poupa-se tempo, pois ela não precisará desaprender os vícios adquiridos antes de ingressar em algum colégio. Mas por que a visão de Erasmo não obteve reconhecimento no século XVI?

Embora estivesse sofrendo com os ataques protestantes, a Igreja Católica ainda era uma grande potência na sociedade. Erasmo, embora nunca tenha deixado de ser católico, era um crítico do comportamento moral do clero e em *“Elogio da Loucura”* isso fica evidente. Além disso, o filósofo traduziu o Novo Testamento corrigindo a *Vulgata*, tradução oficial da Igreja. Sendo assim a figura de Erasmo não era bem quista pelos católicos após o Concílio de

Trento. Talvez se tivesse aceitado o convite para cardeal o pensamento católico teria sido diferente. Outro fator é que Erasmo não tomou uma posição clara no embate entre católicos e protestantes, embora tenha se posicionado contra algumas ideias de Lutero, alguns de seus escritos trazia semelhanças com os ideais defendidos pelos reformadores protestantes. Fato é que com a criação do *Index* toda sua obra foi censurada, embora alguns anos depois alguns escritos tenham sido retirados; o humanista acabou perdendo seu prestígio com o tempo. Embora o modelo de Erasmo buscasse a formação virtuosa do aluno, seus modelos de virtude não eram apenas cristãos, mas também homens da antiguidade, considerados pagãos pelo catolicismo. Portanto, mesmo sendo reconhecida em seu tempo, a obra de Erasmo chegou à posteridade de maneira lenta.

Mas explicar o sucesso de Inácio perante a Igreja somente através da censura de Erasmo é um equívoco. No período conturbado em que vivia o catolicismo, a figura de um homem inteligente, disciplinado e ao mesmo tempo obediente ao papado, além do ardor missionário que Loyola possuía, foi fundamental para que as decisões tridentinas fossem levadas para os fiéis católicos e para àqueles que ainda não conheciam a fé da Igreja. O caráter militar e missionário de Santo Inácio está presente no cerne da Companhia de Jesus e a Igreja Católica soube se utilizar dessas características para que seus ideais fossem espalhados. Além do mais, tudo que Inácio propunha à Companhia era para que Deus fosse glorificado através de suas ações. Sendo assim, o modelo educacional tinha como finalidade formar homens cristãos virtuosos. Embora a elite frequentasse em peso os colégios dos jesuítas, o fundador deixou registrado nas Constituições que os alunos pobres eram bem-vindos. Sendo assim, o modelo de educação de Inácio de Loyola atingia mais pessoas, enquanto o modelo proposto por Erasmo de Roterdã continuava voltado apenas para as famílias abastadas: um pai camponês não tinha condições para contratar um preceptor para o filho.

Em suma, o modelo pedagógico da Companhia de Jesus foi uma ferramenta importante para a Igreja Católica após o Concílio de Trento. Embora tenham bebido de fontes humanistas, os jesuítas fortaleceram a visão de “humanismo cristão”, ou seja, ao contrário da visão protestante, o homem era participante das obras de Deus e tinha responsabilidade sobre sua salvação; e se mantiveram obedientes ao Papa e à Igreja. Sendo assim, o trabalho pedagógico jesuítico preocupou-se em formar cristãos seguindo as normas da Santa Igreja. Além da rigidez, a Companhia de Jesus prezava pela obediência às autoridades, especialmente às eclesiais. Dessa forma, a Companhia de Jesus via-se como uma formação de soldados de Cristo, prontos para conquistar novas almas e reconquistar aquelas que foram perdidas. Por fim, concluímos que a obediência de Santo Inácio e seus filhos foi essencial para que a Igreja encontrasse na

Companhia de Jesus a anunciadora de sua fé, enquanto a visão independente de Erasmo não era mais atrativa para aquele momento, pois era necessário que os católicos fossem formados como fiéis à Igreja e não que pensassem individualmente, pois isso poderia prejudicar ainda mais a unidade cristã.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Cristiano Alencar. **Imaginação histórica e pensamento mediado na obra de R. G. Collingwood**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

CAIRNS, Earle E.. **O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. Tradução de Israel Belo de Azevedo.

CÂMARA, Padre Luís Gonçalves da. **O relato do peregrino: autobiografia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014. Ditada por Santo Inácio de Loyola.

CARVALHO, Carin; COSTA, Carlos Odilon da; APPIO, Célia Regina; SILVA, Neide de Melho Aguiar. Educação Jesuítica: contexto, surgimento e desdobramentos. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 7, n. 2, p. 1-18, nov. 2008.

CORDEIRO, Tiago. **A Grande Aventura dos Jesuítas no Brasil**. São Paulo: Planeta, 2016.

COSTA, Célio Juvenal; MARTINS, Flat James de Souza. Análise histórica, religiosa e educacional sobre o catecismo do Santo Concílio de Trento. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Anpuh, v. , n. 6, p. 85-103, fev. 2010.

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma (Volume IV e V)**. São Paulo: Quadrante, 1996. Tradução de Emérico da Gama.

DAURIGNAC, J.M.S.. **Santo Inácio de Loyola**. Dois Irmãos: Biblioteca Católica, 2022. Tradução de M. Fonseca.

DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Edições 70, 2020.

DOLAN, John Patrick. **A Filosofia de Erasmo de Roterdã**. São Paulo: Mesdras, 2004. Tradução de Fernanda Monteiro dos Santos; comentários Márcios Pugliesi

FALCON, Francisco e RODRIGUES, Antonio Edmilson. **A formação do mundo moderno: a construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

FERACINE, Luiz. **Filosofia comentada: Erasmo de Roterdã: o mais eminente filósofo da renascença.** São Paulo: Lafonte, 2011.

FERLAN, Claudio. **Os Jesuítas.** São Paulo: Edições Loyola, 2018. Tradução de Silva Debetto.

FRANCA, Leonel, S.J. **O Método Pedagógico dos Jesuítas: o Ratio Studiorum.** 2. ed. Campinas: Kírion, 2019.

LEDO, Jorge. **Erasmo:: o humanismo na encruzilhada.** São Paulo: Salvat do Brasil Ltda, 2015. Tradução de Filipa Velosa; revisão de Denise Camargo.

LINS, Ivan. **Erasmo, a renascença e o humanismo.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.

LOIOLA, Santo Inácio de. **Exercícios Espirituais.** Rio de Janeiro: Laemmert S.A, 1968.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares.** São Paulo: Edições Loyola, 2004. Tradução de padre João Augusto Anchieta Amazonas Mac Dowell.

MESSIAS, Elvis Rezende. **Educação e Ceticismo na filosofia de Montaigne.** Curitiba: Crv, 2017. 180 p.

MORSE, Richard McGee. **O Espelho de Próspero.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NASCIMENTO, Sidinei Francisco do. **Erasmo de Roterdã e a Educação Humanista Cristã.** 2007. 14 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento.** São Paulo: Epu, 1980.

PACHECO, Paulo Roberto de Andrada. **Inácio de Loyola: “Experiência-modelo” e educação à liberdade.** 2013. IHS. Antiguos jesuítas en Iberoamérica. ISSN: 2314-3908.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do Humanismo a Kant**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

RIBADENEIRA, Padre Pedro de. **A vida de Santo Inácio de Loyola: fundador da Companhia de Jesus**. São Leopoldo: Unisinos, 2021. Tradução de Benno Brod.

ROTTERDÃ, Erasmo de. **A Educação Liberal: De pueris statim ac liberaliter instituendis**. Campinas: Kírion, 2020. Tradutor: William Bottazzinni Rezende.

ROTTERDÃ, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012. Tradução de Paulo Sérgio Brandão.

SANTOS, Fernanda. **A Companhia de Jesus e o Concílio de Trento: aspectos pedagógicos da contra-reforma**. 2014. 10 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

SHELLY, Bruce L.. **Historia do Cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta.

SOUZA, Flat James de; COSTA, Célio Juvenal. **Religiosidade Portuguesa no século XVI: Análise do catolicismo tridentino na educação jesuítica**. 2010. 24 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. **Erasmus, o humanismo e a Educação**. 2004. 12 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Unicamp, Maringá, 2004.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. **Estrutura e organização das Constituições dos Jesuítas (1539-1540)**. 2002. 10 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

VILLALTA, Luiz Carlos. **A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos**. 2002. Artigo publicado em *Às margens dos 500 anos: reflexões irreverentes*. São Paulo. Edusp.